

Elisiane de Oliveira Machado | Gladis Luisa Baptista
Fabiano da Costa Michielin | Fabio Silva da Rosa
Suimara Santos | Maicon Daniel Chassot
Djulia Andriele Wachter | Juciane A. Furlan Inchauspe
Michelle Dornelles Santarem | Simone Thais vizini
Raquel Adjane de Magalhães Machado | Fernanda dos Reis



Quais estratégias são utilizadas
pelos docentes do curso de graduação
da Faculdade de Enfermagem para
formar uma **visão holística** da
assistência aos discentes?

Elisiane de Oliveira Machado | Gladis Luisa Baptista
Fabiano da Costa Michielin | Fabio Silva da Rosa
Suimara Santos | Maicon Daniel Chassot
Djulia Andriele Wachter | Juciane A. Furlan Inchauspe
Michelle Dornelles Santarem | Simone Thais vizini
Raquel Adjane de Magalhães Machado | Fernanda dos Reis



Quais estratégias são utilizadas
pelos docentes do curso de graduação
da Faculdade de Enfermagem para
formar uma **visão holística** da
assistência aos discentes?

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 Os autores

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Biológicas e da Saúde

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Bruno Edson Chaves – Universidade Estadual do Ceará

Profª Drª Camila Pereira – Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí

Profª Drª Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes

Prof. Dr. Davi Oliveira Bizerril – Universidade de Fortaleza

Profª Drª. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Guillermo Alberto López – Instituto Federal da Bahia

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Kelly Lopes de Araujo Appel – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal

Profª Drª Larissa Maranhão Dias – Instituto Federal do Amapá

Profª Drª Larissa Maranhão Dias – Instituto Federal do Amapá

Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Luciana Martins Zuliani – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Max da Silva Ferreira – Universidade do Grande Rio

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Renato Faria da Gama – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Taísa Ceratti Treptow – Universidade Federal de Santa Maria

Profª Drª Thais Fernanda Tortorelli Zarili – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade Federal de Itajubá

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Quais estratégias são utilizadas pelos docentes do curso de graduação da Faculdade de Enfermagem para formar uma visão holística da assistência aos discentes?

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Andria Norman
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
M149	Machado, Elisiane de Oliveira Quais estratégias são utilizadas pelos docentes do curso de graduação da Faculdade de Enfermagem para formar uma visão holística da assistência aos discentes? / Elisiane de Oliveira Machado, Gladis Luisa Baptista, Fabiano da Costa Michielin. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024. Outros autores Fabio Silva da Rosa Suimara Santos Maicon Daniel Chassot Djulia Andriele Wachter Juciane A. Furlan Inchauspe Michelle Dornelles Santarem Simone Thais Vizini Raquel Adjane de Magalhães Machado Fernanda dos Reis Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-2398-0 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.980242604 1. Enfermagem. 2. Ensino superior. I. Machado, Elisiane de Oliveira. II. Baptista, Gladis Luisa. III. Michielin, Fabiano da Costa. IV. Título. CDD 610.73
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Este estudo de cunho qualitativo foi desenvolvido com os docentes enfermeiros do curso de enfermagem de uma Universidade do RS. O objetivo principal buscou *analisar qual a percepção dos sujeitos em relação a formação do cuidado holístico nos discentes para a assistência de enfermagem com base nas diretrizes curriculares do curso*. A coleta dos dados foi realizada a partir de um grupo focal composto por 09 professores enfermeiros. Foram realizados 3 encontros, buscando identificar a percepção dos docentes que permitisse apreender o universo empírico, objeto do estudo. Da Análise de Conteúdo dos dados empíricos emergiram surgiram 3 categorias temáticas, quais sejam: Categoria 1 – A visão holística versus humanização do cuidado; Categoria 2 – A visão holística: o desenvolvimento da competência; Categoria 3 – Limitações para o desenvolvimento da visão holística. A pesquisa revelou que os docentes são muito motivados e dedicados para o desenvolvimento da visão holística no processo de formação dos estudantes, mas que sofrem influências de alguns fatores externos relacionados, especialmente, à deficiência do ensino básico no País. Na perspectiva da formação por competências evidenciou-se uma natural tendência dos docentes de utilizar-se de sua experiência pessoal e profissional, bem como valorizar o conhecimento, as vivências e contribuições dos discentes para a construção de conhecimentos e mudanças de paradigmas. Desta maneira buscando dar sentido aos saberes e instigando a compreensão de que a formação não termina com a formatura, nem tão pouco se limita à sala de aula e campos de estágios. Para eles o grande *insight* está em formar cidadãos para atuar na sociedade de forma construtiva continuamente e isso só se conquista potencializando e valorizando o conhecimento prévio de cada ser. Quanto às diretrizes curriculares do curso de enfermagem os docentes colaboradores desta pesquisa demonstraram não fazer uso das mesmas para a embasamento do perfil do profissional a ser formado e sim baseiam-se intuitivamente na sua visão de certo e errado, visão esta formada a partir de suas experiências pregressas. Também surgiu durante os encontros um certo alinhamento entre o que os docentes compreendem por visão holística e humanização da assistência. Para eles não se pode prestar uma assistência humanizada se não conseguir enxergar o indivíduo como um todo buscando atender as necessidades reais e individuais dos pacientes. Concluiu-se, desta maneira, o desenvolvimento de uma visão holística está muitas vezes relacionado às experiências pessoais dos docentes e discentes do que em um processo sistemático e intencional de formação reforçando a compreensão de Paulo Freire de que a educação se dá, muitas vezes, pelo exemplo. Os dados revelam, pois, a necessidade de ressignificar a formação dos estudantes de enfermagem de maneira a que incorporem em suas práticas a humanização da assistência, a partir de uma visão holística do ser humano.

PALAVRAS-CHAVE: Visão Holística. Humanização. Educação. Enfermeiro.

This study of qualitative stamp was developed with the teacher nurses of the nursing courses of an university of RS. The main objective looked for to analyze which the perception of the subjectives in relation to formation of the care holistic in learners for the nursing attendance with base in the guidelines curricular of the course. The data collection was realized starting from a focal group for 09 nurses teachers. were realized 3 meetings, looking for to identify the teacher's perception to allow to learn the empiric universe, object of the study. From analyzes of content of the empiric data emerged 3 themes:

1 Category: the holistic vision versus humanization of the care; 2 Category: The Holistic Vision: development of the competence; 3 Category: Limitations for the development of the holistic vision. The research showed that the teachers are very motivated and dedicated for the development of the holistic vision in the process of the student's formation, but that suffer influences of some external factors, especially, the deficiency of the basic teaching in the country. In the perspective formation for competences a natural tendency of the teacher was evidenced of to use the personal and professional experience, as well as to value the knowledge, the existences and contributions of the learners in the construction of knowledge and changes of paradigms. That way, looking for to give sense to the you know and urging the understanding that the formation doesn't finish with the graduation, nor it's limited the classroom and apprenticeship fields. For them, the big insight is to form citizens continually to act in the society in a constructive way and that only conquer potentiating and valuing each being's previous knowledge. As the guideline curriculares of the nursing course the teachers of this research they demonstrated don't use of the same ones for grounds of the profile of the professional to be formed and they base intuitively on their right and wrong vision, formed starting from their past experiences. It appeared during the encounters certain alignment among the one that the teachers understand for holistic vision and humanization of the attendance. For them, it can't render a humanized attendance if it doesn't get to see the individual as a completely looking for to assist the patients real and individual needs. They were ended that the development of a holistic vision is related to the personal experiences of the teachers and learners of the one that a systematic and intentional process of formation reinforcing the understanding of Paulo Freire that the education feels for the example. The data show needs meaning the formation of the nursing students so that it incorporates its in their practices the humanization of the attendance, from a holistic vision of the human being.

KEYWORDS: Holistic Vision. Humanization. Education. Nurse.

INTRODUÇÃO	1
NOÇÕES DE CURRÍCULO E O DESAFIO DA INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO.....	4
O CURRÍCULO NA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DOS ENFERMEIROS NO BRASIL: O CURRÍCULO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM.....	5
O MODELO DE FORMAÇÃO POR COMPETÊNCIAS E AS METODOLOGIAS DE ENSINO APLICADAS À ENFERMAGEM	7
A PRÁTICA PEDAGÓGICA: O PAPEL DOS DOCENTES NA FORMAÇÃO DOS ENFERMEIROS	9
A VISÃO HOLÍSTICA NA SAÚDE.....	10
OBJETIVOS	13
METODOLOGIA	14
METODOLOGIA DE ANÁLISE E PROPOSTA DE SOLUÇÃO	17
ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS.....	17
A VISÃO HOLÍSTICA VERSUS A HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO.....	18
A VISÃO HOLÍSTICA NA PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DE ENFERMAGEM.....	20
ASPECTOS LEGAIS DA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO (O QUE ESTÁ NO PAPEL SOBRE VISÃO HOLÍSTICA E HUMANIZAÇÃO).....	23
A VISÃO HOLÍSTICA: O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA.....	28
O PAPEL DO DOCENTE ENFERMEIRO NO PROCESSO FORMATIVO DOS ESTUDANTES	35
AS METODOLOGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM	42
LIMITAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA VISÃO HOLÍSTICA.....	52
PROPOSTA DE SOLUÇÕES	59
CONCLUSÕES E FUTURAS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO	62
BIBLIOGRAFIA	70
SOBRE OS AUTORES	74

INTRODUÇÃO

Para uma melhor compreensão da história da saúde no Brasil, voltamos brevemente à década de 70, quando foi criado um sistema de saúde que tinha por finalidade prestar assistência médica àqueles que contribuíram para a seguridade social, ou seja, aos empregados com carteira de trabalho. assinado, o foco estava na doença e não na saúde.

Concomitante à redemocratização do Brasil, ao longo da década de 80, surgiram novas propostas de organização dos serviços de saúde, e a Constituição de 1988 tem sido um marco na história da saúde pública brasileira, ao definir a saúde como “direito de todos e dever do Estado”.”, e a partir disso, a implementação gradual do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1990 em vigor até os dias atuais (SANTOS, 2004).

Com o passar do tempo, houve também um esforço do governo brasileiro para melhorar a assistência à saúde já oferecida aos usuários, nesse sentido, a implementação da Política Nacional de Humanização, também conhecida como “HumanizaSus” em 2003, alinhada com a política e reorganização administrativa dos serviços de saúde, busca oferecer aos usuários a implementação dos princípios do SUS por meio do incentivo às trocas solidárias entre gestores, trabalhadores e usuários, é norteada por três princípios: indissociabilidade entre o cuidado e a gestão dos processos de saúde produção, transversalidade e autonomia e protagonismo dos sujeitos. A partir deste programa, a humanização do cuidado deve estar presente e inserida em todas as políticas e programas do SUS, além disso, é constantemente atualizado, em busca da coerência com os princípios do SUS, sendo uma política construída coletivamente, envolvendo não apenas o governo federal, mas também os órgãos estaduais e municipais.

Pensando na aplicação prática do projeto de implementação do SUS, a formação de profissionais da área da saúde deve necessariamente ser abordada, pois para atender a demanda que se propõe a ser oferecida aos usuários, eles devem ser dotados de habilidades e competências pré-determinadas e moldadas. para o mercado de trabalho, precisam desenvolver determinadas competências que se referem à capacidade do indivíduo de desempenhar determinada função de forma eficaz no trabalho. Portanto, a partir de 2001, o Ministério da Educação passou a implementar o modelo de formação para a graduação docente de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN).

de outros tipos de conhecimento, como o conhecimento prático e também atitudes e valores morais (SANTOS, 2004; FERNANDES, et. al., 2005).

Neste modelo de formação, o professor enfrenta o desafio de formar profissionais técnica e politicamente competentes para atuar na realidade da saúde local e regional, preparados para a atenção à saúde individual e coletiva, e para a gestão dos serviços de saúde e de enfermagem, com ênfase na o cuidado holístico dos pacientes/clientes previsto nas DCN-Enf (BRASIL, 2012).

Porém, muitas vezes, os professores têm pouco domínio da evolução histórica da enfermagem, dos princípios, das diretrizes, da legislação e da operacionalização do SUS, revelando talvez que este seja o primeiro desafio para a necessária transformação do enfermeiro, uma vez que não ensinam algo sem acreditar nisso. ideia, sem aceitar que seu assunto faça parte de um contexto geral e não contemple apenas a formação do profissional que o mercado necessita (ITO, et. al., 2006).

Além disso, é fundamental que o enfermeiro compreenda o ser humano como um todo: corpo, mente e espírito. Pois quando o corpo ou a mente sofrem, a pessoa como um todo é afetada. Portanto, não se deve focar apenas na queixa principal, deve-se avaliar os aspectos sociais e emocionais, para que o processo de cuidado se torne individualizado e humanizado (HORTA, 1979).

A esta visão do ser humano como tudo dá-se o nome de visão holística, onde o princípio compõe um objetivo de educação proposto por Piaget, que é contribuir para a formação de mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo o que eles propõem, logo, valorizar o conhecimento, a cultura e as crenças do aluno da turma, para que ele veja com naturalidade o quanto contribuiu para a aprendizagem e construção do conhecimento, e assim, possa incorporar esse aprendizado pelo seu desempenho profissional (PIAGET, et. Al. 1981).

Nesse contexto surge o termo humanização, que se refere ao atendimento de qualidade, com empatia que valoriza não apenas a assistência técnica, mas também a relação entre o cuidado ao paciente e uma abordagem humana que está diretamente relacionada ao holismo, competência essencial para o desempenho da profissão (BRASIL, 2001).

As DCN são diretrizes gerais para o desenvolvimento de currículos que devem necessariamente ser adotadas por todas as instituições de ensino superior do país, não se limitando à formação. A premissa principal é demasiado ambiciosa e visa formar pessoas capazes de atuar no processo de transformação da sociedade e que sejam capazes de compreender as necessidades de desenvolvimento do país. Esta competência permite a continuidade do processo de formação acadêmica e profissional, que não se esgota com a concessão do diploma do curso de licenciatura (ITO, et. al., 2006).

Para as profissões da saúde, foi adotado um formato que contempla aspectos que priorizam o perfil do egresso/profissional para aprender a aprender, o que inclui aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a conhecer, garantindo a formação de profissionais com autonomia e discernimento para garantir a integralidade do cuidado e a qualidade e humanização da assistência prestada aos indivíduos, famílias e comunidades buscando superar o modelo de formação hospitalocêntrico e mecanicista vigente até então. O objetivo maior das DCN é levar o aluno dos cursos da área da saúde a aprender a aprender, desenvolvendo a capacidade de garantir a integralidade do cuidado e a qualidade e humanização dos serviços prestados às pessoas e propor formação profissional com

perfil com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Profissional qualificado para o exercício da Enfermagem, baseado no rigor científico e intelectual e orientado por princípios éticos. Capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes. Capacitado para atuar, com sentido de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano. Esta proposta enfatiza os aspectos de sensibilidade, empatia e escuta ao paciente/cliente/usuário (BRASIL, 2012).

As diretrizes curriculares de enfermagem mostram a possibilidade de formação por competências que exigem desenvolvimento além do cognitivo, instigando o aluno a atuar nas mais diversas situações de forma eficaz, apoiando-se em conhecimentos prévios, mas sem se limitar a eles, evidenciando a diferença entre conhecimento e competência. Pois é na prática profissional que se exercitam potencialidades e capacidades, permitindo ao indivíduo enfrentar situações e acontecimentos com iniciativa e responsabilidade, guiado pela inteligência prática sobre os acontecimentos, envolvendo uma série. Entende-se que a prática docente é uma atividade complexa que se desenvolve em cenários singulares. Nesse sentido, um quarto hospitalar pode ser o campo para desenvolver a relação ensino-aprendizagem, determinada pelo contexto, com resultados em grande parte imprevisíveis e carregados de conflitos de valores que exigem pronunciamentos políticos, culturais e éticos. O enfermeiro, para cumprir a tarefa de educar, deve ampliar sua experiência e criatividade para enfrentar situações únicas, ambíguas, incertas e conflituosas que moldam a vida nas aulas, ou na prática da enfermagem (EDELSTEIN; CORIA, 1995).

A atuação do professor na formação do profissional de enfermagem é cercada de significados que muitas vezes ficam ocultos nos exemplos de comportamento, no acolhimento do aluno e no contínuo crescimento pessoal a que o professor se submete.

Na busca e construção do referencial teórico adequado à abordagem proposta neste estudo, foram levadas em consideração as experiências adquiridas na prática profissional. A humanização da assistência de enfermagem é uma problematização dos desafios e tendências futuras do ensino, aprendizagem e pesquisa em enfermagem e o desenvolvimento de um cuidado integral ao paciente (holístico) mostra-se essencial para o desempenho da profissão com excelência.

As reflexões sobre a abordagem do holismo no currículo do curso de enfermagem originar-se-ão das preocupações do pesquisador causadas pelo cotidiano de trabalho na área da saúde, especialmente no que diz respeito às necessidades emocionais do paciente hospitalizado, ou de uma forma geral que este procura cuidados de saúde. Mesmo reconhecendo que se trata de um campo minado de ambiguidades, o objetivo deste estudo é recuperar o debate teórico a respeito da formação de uma visão holística para o cuidado de enfermagem.

Há escassez de pesquisas sobre o tema na literatura, tanto nacional quanto internacionalmente, permitindo que este trabalho contribua para a comunidade acadêmica como mais uma fonte de pesquisa e inspire o desenvolvimento de novas pesquisas relacionadas ao tema.

NOÇÕES DE CURRÍCULO E O DESAFIO DA INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Com o objetivo de auxiliar o leitor na compreensão do objeto de investigação aqui pretendido faz-se necessário uma abordagem do currículo da enfermagem, buscamos ampliar a nossa compreensão acerca das noções de história do currículo.

Entre os autores que melhor discorrem em suas argumentações teóricas sobre currículo na literatura consultada foi eleita para abordagem deste texto à fonte inglesa de Ivor Goodson com a influência crítica do poder e da história social sobre o currículo, uma vez que Goodson nos ajuda a construir uma História do Currículo focalizando a ação dos sujeitos (JAEHN; FERREIRA, 2012).

Para Goodson a definição de um currículo envolve prioridades sociopolíticas e discursos de ordem intelectual. Os conflitos do passado em relação ao currículo precisam, portanto serem recuperados. Caso contrário, os estudos sobre escolas deixariam de ser questionamentos e sem análise de uma série de prioridades e hipóteses que foram herdadas e que deveriam estar na frente de nossos esforços para entendermos e operacionalizar. O currículo deve ter uma história social centrada em epistemologia social do conhecimento escolar, preocupada com determinantes sociais e políticos de uma organização educacional com conhecimento políticos adequados para tal organização. Trata-se para o autor, de uma série de documentos que cobrem diversos assuntos e vários níveis, para alcançar metas, princípios e objetivos que orientam o que deve ser lecionado conjuntos e roteiros. O autor busca elaborar um tipo de análise na qual o propósito é desenvolver um entendimento cumulativo dos contextos históricos, nos quais está inserido o currículo contemporâneo (GOODSON, 1991).

Neste contexto, de acordo com Libâneo, (1990), o papel da escola é preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. A Escola Tradicional é caracterizada por acentuar o ensino humanístico tradicional de cultura geral em que o aluno é educado para atingir pelo próprio esforço sua plena realização como pessoa.

De acordo com Silva, (2004), a teoria tradicional baseada em Bobbit propunha que a escola funcionasse da mesma forma que qualquer outra empresa comercial ou industrial. Fundamentos da teoria curricular de John Bobbit estão baseados na concepção de administração científica de Taylor, onde o currículo era tecnicista de um ensino pronto e acabado, com objetivos gerais estabelecidos, que exige metodologia e somatório de disciplinas logicamente organizadas, distantes, contudo, do caráter pedagógico e de um currículo crítico, o ensino era baseado na moldagem.

Na década de 1970, o movimento de reconceitualização crítica do currículo por considerá-lo tecnocrático. No Brasil educadores como Paulo Freire, defenderam a necessidade de mudanças no processo educacional, com uma teoria da educação voltada para os interesses da maioria da população, esperando a sua emancipação libertação por meio de uma transformação social. As teorias críticas baseiam-se em questionamentos, problematizações, transformações na realidade, questiona as relações de poder, de controle, a construção de valores e significados. As teorias pós-críticas surgem a partir do nascimento do multiculturalismo, um movimento contra o currículo universitário tradicional que privilegiava a cultura branca, masculina, europeia e heterossexual, ou seja, a cultura do grupo social dominante (SILVA, 2004).

O Brasil sofreu e ainda sofre a influência da Pedagogia Tradicional e da Pedagogia da Escola Tecnicista no processo de formação dos profissionais de saúde. Para trabalhar o tema inovação da educação fazem-se necessárias políticas educacionais que procurem instalar os significados de sua existência. Uma ruptura dos modos tradicionais envolve um conjunto de saberes e de capacidades, sendo estas propriedades coletivas da organização. Este fato relata as dificuldades nos repasses das informações intelectuais dos indivíduos, por serem difíceis de imitar ou de transferir para conhecimento comum (ALMANDOZ; VITAR, 2006; COSTA; GERMANO, 2007).

Na análise de fatores e aspectos, pode-se argumentar colocando que a característica na inovação não depende somente da validade de seus conteúdos e sim da pertinência dos seus objetivos, pois as mediações que incidem nas tomadas de decisões perante as escolas, nestas linhas são os momentos que encontramos os marcos. Estes aspectos são contribuintes para justificar a situação que gera a necessidade de implantação de novos projetos (ALMANDOZ; VITAR, 2006).

O CURRÍCULO NA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DOS ENFERMEIROS NO BRASIL: O CURRÍCULO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Este capítulo de investigação tem como objetivo a compreensão crítica da história da formação de enfermeiros no Brasil para compreender a coerência entre o que está proposta nas diretrizes curriculares, a proposta curricular do curso de graduação em enfermagem da Universidade onde o estudo foi desenvolvido, as práticas pedagógicas dos docentes e a compreensão da evolução do pensamento pedagógico brasileiro na formação de enfermeiros. Pois à medida que se conhece a história de uma profissão pode-se compreender proporcionando reconstrução e o fortalecimento do saber histórico promovendo novas reflexões e propiciando a análise da evolução. Pois o conhecimento da história da enfermagem para o profissional enfermeiro não é apenas erudição (MENEZES, *et. al*, 2010).

O ensino de Enfermagem no Brasil passou por várias fases de desenvolvimento atendendo sempre ao cenário político, econômico e social do País e do mundo com foco no modelo médico hospitalar no ensino de graduação (ITO, et. al., 2006).

O primeiro currículo instituído para o ensino de Enfermagem em 1923 havia um destaque para as disciplinas de saúde pública. No entanto, contraditoriamente havia uma tendência para influência do paradigma positivista e flexneriano no ensino de enfermagem, que determinavam o foco biológico e hospitalocêntrico adotado pelo ensino. As alunas do curso de enfermagem cumpriam oito horas diárias de trabalho no hospital Geral do Departamento Nacional de Saúde Pública, na cidade do Rio de Janeiro, e ainda tinham as aulas teóricas e práticas. Posteriormente surgiram escolas de enfermagem seguindo a linha adotada pela Escola Ana Néri, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, já que esta foi considerada em 1931 pelo Governo como Escola Oficial Padrão. As alunas do curso de enfermagem eram utilizadas nos hospitais como mão de obra barata, estudavam em regime de internato ou semi-internato, enquanto as docentes eram enfermeiras dos serviços, apesar de ser desfavorável para a aprendizagem garantia a necessidade do ensino prático (COSTA; GERMANO, 2007).

Durante a ditadura militar no Brasil (1937-1945) foi criadas 11 escolas de enfermagem, sendo dessas 6 eram católicas, religião que tinha muita influência sobre a educação e a saúde, apesar de que desde 1889, quando foi proclamada a república, a igreja perdeu o poder sobre a área da saúde, com isso, assumiu mais influência sobre a educação (MENEZES, et. al, 2010).

Em 1949 a Escola Ana Néri, deixou de ditar o ensino de Enfermagem que foi regulamentado, ficando, a partir de então, a cargo do Ministério da Educação, havendo a primeira reformulação do currículo, a partir do Decreto n. 27426/49, e a promulgação da Lei nº 775, que dispõe sobre o ensino de enfermagem no país. No entanto, apenas em 1961 o ensino de enfermagem tornou-se universitário, conforme Lei n. 2995/56 que revogou a Lei nº 775. O ensino passa a ser regido pelo Conselho Federal de Educação, que tinha como uma das atribuições, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/61, a fixação de um currículo mínimo para o Curso de Graduação em Enfermagem, o qual foi regulamentado pelo Parecer 272/62 (MENEZES, et. al, 2010; COSTA; GERMANO, 2007).

Neste novo currículo foi diminuído o tempo de duração do curso de quatro para três anos e com isso houve um detrimento nas aulas práticas, havia um caráter curativista e as alunas deixaram de assumir a responsabilidade pela assistência, e com a Reforma Universitária em 1968, Lei 5540/68, as enfermeiras docentes deveriam assumir exclusivamente esta atribuição. Como consequência desta Reforma Universitária, um novo currículo foi construído para a Enfermagem em 1972, conforme Parecer 163/72 e Resolução 4/72, o qual teve como conquista significativa a determinação de que as atividades práticas deveriam ter carga horária não inferior a um terço da parte profissionalizante do curso. Com isso, as aulas práticas no curso de enfermagem continuaram a existir e surge o estágio

supervisionado a ser realizado ao final do curso, o qual estava atrelado principalmente à disciplina de Administração Aplicada à Enfermagem, mas também às três habilitações que foram criadas na época, Saúde Pública, Obstetrícia e Médico-cirúrgica. Seminários para discutir a situação da graduação em enfermagem pelo Brasil, realizados a partir de 1986, culminaram numa nova proposta de ensino, em 1990, que se comprometia com o fim da priorização do modelo biomédico, mas houve dificuldades em se cumprir (COSTA; GERMANO, 2007).

O novo modelo de formação pretendido é guiado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, que exigem novos mecanismos de inserção e de aferição das capacidades e conhecimentos dos trabalhadores no processo de trabalho, voltados para a formação por competências, que envolve o saber pensar e aprender a aprender, ou seja, o profissional é formado com o básico para poder desenvolver-se em qualquer área dentro da sua profissão, cabendo a ele ter a competência para se desenvolver dentro da área específica que tem maior afinidade (SANTOS, 2004).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) - Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, traz no seu bojo uma alteração significativa nas bases da educação brasileira, abrindo espaços para a flexibilização dos currículos de graduação do país e favorecendo a superação do modelo de currículo mínimo e da grade curricular com um número excessivo de disciplinas interligadas por um sistema rigoroso de pré-requisitos. Essa flexibilização descortina possibilidades às instituições de ensino superior para implementarem Projetos Pedagógicos inovadores, numa perspectiva de mudança para a formação profissional e, finalmente, a adoção de Diretrizes Curriculares para cada curso (FERNANDES, *et. al.*, 2003).

As diretrizes curriculares de enfermagem apontam como competências gerais para a formação do profissional: atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente, sempre direcionada para se ajustar as exigências do mercado de trabalho que parece inatingível pelas alterações curriculares proposta para tal tarefa, nesse sentido se sustentam os argumentos que afastam teoria e prática. O que espera de um profissional na verdade é que ele possa ter ferramentas para intervir na realidade, favorecendo sua reorganização. No entanto, a gestão, construção dos processos de formação do sujeito são um processo muito complexo (ITO, *et. al.*, 2006).

O MODELO DE FORMAÇÃO POR COMPETÊNCIAS E AS METODOLOGIAS DE ENSINO APLICADAS À ENFERMAGEM

Ensinar é um processo de construção de significados e entendimentos compartilhados a partir do respeito das diferenças é a construção cooperativa, que se apoia em valores, mas reflete em conteúdos concretos que são criados para atender a uma determinada sociedade. Para tanto é imprescindível que o docente possua conhecimento, habilidades, competências e comprometimento.

Para corroborar com a compreensão das práticas educativas sobre o ser humano faz-se necessário primeiramente ponderar e entender que o homem é o sujeito do conhecimento, o qual está inserido em um cenário de atuação cotidiana, precisa-se pensar que toda ação do sujeito é educativa, é o que chamamos de “educar pelo exemplo”. Para educar é preciso compreender que não há docência sem discência, ensinar não é transferir conhecimento e que ensinar é uma especificidade humana. Com as novas diretrizes curriculares de enfermagem faz-se necessário uma mudança de paradigmas para o educador que precisa livrar-se do comportamento tecnicista de educar e assumir um papel mais ativo na formação do enfermeiro, que vem ao encontro com a filosofia de Paulo Freire. Ensinar exige corporificação das palavras pelo exemplo, exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos discentes, criticidade, estética e ética, risco, aceitação do novo e rejeição a discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Para Paulo Freire alfabetizar é conscientizar (FREIRE, 1996).

Na teoria do conhecimento de John Dewey a aprendizagem parte de problemas ou situações que intencionam gerar dúvidas, desequilíbrios ou perturbações intelectuais. Da mesma maneira que aprender a partir da experiência permite estabelecer conexões para frente e para trás. Portanto, a experiência somente adquire a qualidade de um ato cognitivo quando é cumulativa e carregada de significado, o discente do curso de graduação em enfermagem precisa ser ouvido pelo docente para entender o quanto este ato tem significativa contribuição para aprendizagem, e assim será capaz de tornar-se um enfermeiro suscetível a ser um educador em saúde com competências humanísticas (ABREU, 2009).

Nesta linha de pensamento pode se afirmar que permitir que o discente seja sujeito ativo na construção do conhecimento permite que o mesmo desenvolva a humanização em sua prática profissional, pois no momento que o mesmo é ouvido e seus conhecimentos valorizados, tem condições de entender a importância desses atos e poderá replicar esta atitude frente à assistência de enfermagem. O docente não é o centro do saber, Karl Jaspers, (1965), em seu livro “Introdução ao pensamento filosófico” discorre sobre o conhecimento e a realidade em que se vive afirmando que um depende do outro para harmonia do saber.

Se o docente demonstrar perante o discente sua humanidade e princípios de ser humano, ele passa a ter um papel fundamental na formação pessoal e profissional do discente. Se ele crê no que diz seguramente o aluno também o acreditará. O ambiente democrático de uma escola onde os estudantes são respeitados e considerados como indivíduos e cidadãos proporciona melhores possibilidades de oferecer um tipo de experiência aos discentes que contribuirá decisivamente para o seu processo de desenvolvimento da competência moral (CASATE; CORRÊA, 2011).

Da mesma maneira, se o discente do curso de enfermagem for capaz de aceitar, respeitar e entender as diferenças serão capazes de naturalmente mudar paradigmas no

seu campo de atuação profissional. O aluno deve ser instigado a refletir sobre suas próprias ações, para que possa ser um agente capaz de atuar na diminuição da desigualdade. A formação é uma dinâmica, entendida como o desenvolvimento pessoal, uma vez que o desafio para o docente é instigar um futuro profissional que compreenda que o processo de formação não acaba com a formação inicial, um sujeito capaz de mudar paradigmas em sua vida profissional e pessoal. O que nos remete ao pensamento crítico de Edgar Morin que afirma que é mais valioso dar sentido aos saberes do que acumular saberes (RIOS, 2009; CARUSO; DUSSEL, 1996).

É importante ponderar que não há como se tornar crítico quando só se pode falar aquilo que o professor quer ouvir. Não há como se ser criativo só executando atividades determinadas pelo professor, ser agente de transformação se as experiências propostas nas atividades curriculares continuam praticamente inevitáveis a várias turmas. Uma meta da educação é contribuir para formação de mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. A meta principal na educação é criar indivíduos que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente ficar repetindo o que outras gerações já fizeram. Nossos acadêmicos podem ser criadores, inventores, descobridores (PIAGET, *et. al*, 1981; MAGALHÃES, 2000, *APUD*, FAUSTINO; EGRY, 2002).

Acreditamos assim como Rios, que é necessário, pensar sobre o papel da educação na formação de uma nova visão de vida e de sociedade, voltadas para o bem comum, para a realização pessoal e coletiva dos indivíduos, e na Universidade como centro de produção de conhecimentos, saberes e fazeres novos, na busca de uma visão de totalidade, de universalidade. Em qualquer instituição educacional, o docente é aquele que tem como tarefa partilhar, séria e rigorosamente, o conhecimento e os valores, formando seres humanos e formando-se humano junto com eles. *“Nascemos humanos, mas isso não basta: temos também que chegar a sê-lo”*. Na verdade, ninguém nasce humano – *torna-se* humano. *“E esse tornar-se acontece por meio do processo educativo”* (RIOS, 2009, p. 15).

A PRÁTICA PEDAGÓGICA: O PAPEL DOS DOCENTES NA FORMAÇÃO DOS ENFERMEIROS

Entende-se que a prática docente é uma atividade complexa que se desenvolve em cenários singulares. Nesse sentido, um quarto de hospital pode ser o campo para desenvolver a relação de ensino-aprendizagem, determinados pelo contexto, com resultados em grande parte imprevisíveis, e carregada de conflitos de valores que requerem pronunciamentos políticos, culturais e éticos. O enfermeiro, para levar adiante a tarefa de educar, deve estender sua experiência e sua criatividade para enfrentar situações únicas, ambíguas, incertas e conflitantes que configuram a vida nas aulas, ou na prática do enfermeiro (EDELSTEIN; CORIA, 1995).

A atuação do docente na formação do profissional enfermeiro é rodeada de significados muitas vezes oculta nos exemplos de condutas, no acolhimento ao discente e no crescimento pessoal contínuo a que esse professor se submete.

Nessa linha de pensamento nasce a crítica ao processo de formação por competências que se deve pelo fato de a formação humana se construir ao longo da sua trajetória de vida, sendo assim tem-se a necessidade de abordar a educação continuada dos docentes para a ampliação constante das suas competências, ou seja, a competência não tem como se aprender durante a formação profissional, pois ao longo da vida vamos nos tornando competentes. Nesse sentido a diretriz curricular para a formação de enfermeiros encontra-se incompletas, pois o profissional precisa de novas significações do significado de ciência e arte, uma vez que é necessário o domínio da técnica, a capacidade de ousar para tomar iniciativas, ter domínio dos instrumentos, saber trabalhar em equipe e por fim, aprender a ser que refere ao preparo do ser humano para a autonomia intelectual (SANTOS, 2004).

Schmidt, (2003), no trabalho intitulado, Currículo: “Uma abordagem conceitual e histórica”, afirma que o currículo é um elemento neutro que reflete o conhecimento social, ainda garante que o mesmo tem história que necessita ser estudada e compreendida. Com isso, pode-se afirmar que há um trabalho constante na universidade na busca de aperfeiçoamento do currículo.

É importante salientar, que os métodos chamados tradicionais ou novos são assim considerados em razão do enfoque central que dão aos diferentes elementos envolvidos na ação educativa, portanto, é caracterizada a educação tradicional como apoiada na autoridade, no professor, e a educação renovada como aquela que se fundamenta no aluno, nas suas motivações e em seus interesses, os métodos de ensino podem ser entendidos nessa mesma linha de raciocínio. Com o conhecimento cada vez maior das ciências da educação, é natural que os métodos também passem a ser afetados pelos novos conhecimentos que se adquirem dia a dia a respeito da aprendizagem (PILETTI, 1995).

A VISÃO HOLÍSTICA NA SAÚDE

A palavra holismo provém do grego *holikós*, que significa todo, inteiro, completo. Essa prática impede tratar de forma fragmentada o processo saúde-doença, fazendo com que a saúde seja subentendida como uma mudança contínua aos desafios ambientais e ao equilíbrio dinâmico do organismo. O holismo, como novo paradigma de cuidado, vem emergindo amplamente dentro do contexto da humanização, e está diretamente relacionado às diretrizes do SUS, destacando-se aqui a integralidade (LEMOS, *et. al.*, 2010).

A essa visão do ser humano como todo se dá o nome de visão holística, onde o princípio compõe uma meta da educação proposta por Piaget que é contribuir para formação de mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo

que a elas se propõe, logo, valorizar o conhecimento, a cultura e as crenças do discente em sala de aula, para que o mesmo possa ver naturalmente o quanto isso contribui para a aprendizagem e construção do conhecimento, e assim, possa incorporar esse aprendizado para sua atuação profissional (PIAGET, *et. Al.* 1981).

Pensando no ser humano como um todo, no que se refere ao atendimento em saúde o Ministério da Saúde define que:

“A eficiência técnico-científica e a racionalidade administrativa nos serviços de saúde, quando desacompanhadas de princípios e valores como a solidariedade, o respeito e a ética na relação entre profissionais e usuários, não são suficientes para a conquista da qualidade no atendimento à saúde” (BRASIL, 2001, p. 11).

Neste contexto surge o termo humanização que tem referência a uma assistência de qualidade, com empatia que valorize não apenas a assistência técnica, mas também a relação no atendimento ao paciente sob um enfoque humano que está diretamente relacionado com o holismo, uma competência essencial para desempenho da profissão (BRASIL, 2001).

É fundamental, portanto, que o enfermeiro compreenda o ser humano como um todo: corpo, mente e espírito. Pois quando o corpo ou a mente sofre, a pessoa é afetada em sua totalidade. Não se deve, portanto, focar apenas na queixa principal, precisa-se valorizar os aspectos sociais, emocionais, para que o processo de atendimento se torne individualizado e humanizado (HORTA, 1979).

Na busca e construção do referencial teórico adequado para abordagem proposta no estudo, levou-se em consideração as vivências advindas da prática profissional. A humanização da assistência de enfermagem é uma problematização em torno dos desafios e tendências futuras sobre o ensinar, aprender e pesquisar enfermagem e o desenvolvimento de um olhar do todo do paciente (holístico) demonstra-se essencial para desempenho da profissão com excelência.

Considerando a totalidade do ser humano e de suas necessidades biopsicossociais o enfermeiro precisa ser formado com quatro saberes que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, que é trabalhar seus sentimentos, emoções, sua essência, possibilidades e limitações. E ainda, aprender a viver junto, pois necessita de uma equipe multiprofissional para poder atender as necessidades totais dos pacientes. Para o discente aprender a viver junto, precisa ter essa experiência em sala de aula com o docente, pois ali inicia sua formação. A autora ainda ressalta que não é possível a formação de um ser humano sem componentes como amor, espiritualidade, ternura e afeto, pois desta forma, seria apenas transmissão de conhecimento (FARIAS, 2005).

Nas teorias de enfermagem há pelo menos 10 que apontam paradigmas holísticos, mas pelo contexto do trabalho destacamos aqui a teoria ambientalista de Nightingale, pois a visão holística na Enfermagem tem evidência desde o surgimento da profissão com

Florence Nightingale em meados do século XIX, podemos observar que, no ambiente físico, a abordagem holística é evidenciada quando são contemplados os componentes ambientais naturais (o ar, a água, o céu, o sol), pois ela ao considerar que o desequilíbrio de um destes componentes levaria ao surgimento de nosologias, estava considerando a ecologia planetária. A Teoria Ambientalista de Nightingale constitui-se de uma interação entre os ambientes físico, psicológico, social e espiritual, os quais associados a ações do enfermeiro podem levar a identificação de fatores determinantes do processo saúde/doença. Por fim, a essência desta teoria baseia-se num ambiente positivo, transparente e saudável ao viver de seres humanos que necessitam de ajuda e de cuidados, ou seja, o encontro da ciência com a consciência (NETO, NOBREGA, 1999).

Observa-se nas pesquisas em plataformas como BIREME e LILACS uma grande quantidade de trabalhos que enfocam a importância do atendimento holístico ao paciente, no entanto, a formação do enfermeiro, para tal atuação, encontra-se ainda pouco pesquisada, encontrando-se mais evidência de formação holística nas linhas da educação, a qual trouxe para discussão no presente estudo.

As reflexões sobre a abordagem do holismo no currículo do curso de enfermagem originaram-se das inquietações da pesquisadora provocadas pelo cotidiano do trabalho na área da saúde em especial quanto às necessidades emocionais do paciente hospitalizado. Mesmo reconhecendo que este é um terreno minado de ambiguidades o objetivo deste estudo é recuperar o debate teórico a respeito da formação de uma visão holística para assistência de enfermagem.

OBJETIVOS

O objetivo geral do presente estudo de cunho qualitativo é analisar qual a percepção dos docentes em relação à formação do cuidado holístico para a assistência com base nas diretrizes curriculares nacionais do curso de enfermagem. Pretende explicitar um direcionamento para a reflexão sobre assistência holística e as relações interpessoais, possibilitando a compreensão de seu sentido na conjuntura atual.

Alicerçado no objetivo geral revelam-se os objetivos específicos da presente pesquisa, abaixo descritos que foram subdivididos em três.

1. Analisar a percepção dos professores-enfermeiros sobre o cuidado holístico;
2. Compreender como os professores-enfermeiros realizam a mediação na construção das aptidões dos discentes para atuar no campo da assistência holística;
3. Avaliar as facilidades e dificuldades enfrentadas pelos professores-enfermeiros no cotidiano da sua prática docente em mediar questões de cuidado holístico no currículo de enfermagem;

METODOLOGIA

O presente estudo teve seu projeto aprovado pelo Conselho Diretivo da Faculdade pela solução N° 3057/17 e a vice-diretora do mestrado na Universidade Tecnológica de Buenos Aires Dra. Zulma Cataldi que emitiu o parecer favorável para apresentação do presente estudo, após foi dado início à coleta de informações, com a autorização do professor Me. César Augusto Teixeira, diretor do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Feevale.

A metodologia eleita para desenvolvimento do mesmo está inserida dentro de uma perspectiva qualitativa descritiva e prospectiva que tem por objetivo: observar, descrever e classificar os fenômenos encontrados durante a coleta de dados. A escolha pela pesquisa qualitativa foi determinante uma vez que oferece informações mais aprofundadas quando comparada à pesquisa quantitativa, isto porque a qualitativa trabalha com uma visão ampla de processo.

Essa abordagem caracteriza a importância dada ao ambiente onde o pesquisador ao observar um cenário de estudo procurar fazer isto minuciosamente, valorizando seu papel, aceitando que o mesmo entenda os fenômenos a partir da sua própria visão, podendo utilizar vivências de seu contexto histórico e social. Permite que a pesquisa seja formada de maneira a estabelecer uma ótica vinda do grupo pesquisado (VÍCTORA; KNAUTH; HASSEN, 2000; POLIT; BECK; HUNGLER, 2004).

A grande ponta da pesquisa qualitativa é o fato de ela ser algo flexível, que busca compreender a totalidade do local observado. Para realizar este tipo de pesquisa deve-se ter uma visão geral. É utilizada para observar a individualidade dos sujeitos, em todos os níveis sociais, em todas as religiões e valores de cada indivíduo. (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004; MINAYO, 2010).

Para a coleta dos dados empíricos utilizou-se do grupo focal que utiliza como técnicas sessões grupais de discussão, centralizando um tópico específico a ser debatido entre os participantes. Deste modo buscamos seguir um caminho que nos aproximasse dos sujeitos em estudo e nos permitisse compreender quais os significados atribuídos, pelos mesmos, às questões em estudo. A vantagem dessa técnica utilizada é que facilita a formação de ideias novas e originais (BARBOUR, 2009).

Na pesquisa de grupo focal o pesquisador deve incentivar a discussão em grupo para gerar e analisar interações entre os participantes que devem ser selecionados de acordo com as características que os definem com algo em comum para gerar algum debate ou divergência de opinião. O pesquisador deve ficar atento à linguagem corporal e as reações dos participantes, fazendo anotações, pois neste tipo de pesquisa qualitativa o que não é dito é tão importante quanto o que é dito. Esta pesquisa também favorece insights das experiências vividas, tendo um grande potencial para fortalecer os participantes, uma vez que lhes permite conhecer opiniões alheias e formular sua própria, também instiga

os participantes a se expressarem, uma vez que individual pode muitas vezes intimidar e colocar o participante na posição defensiva e com isso gerando resposta negativa ao objetivo da pesquisa. Neste tipo de estudo o participante é convocado a emitir opiniões sobre assuntos que talvez ele nunca tenha pensado a respeito anteriormente. As pessoas em geral precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias e, constantemente, mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas a discussões de grupo; é um processo que pode permitir que uns participantes ajudassem os outros a formar sua opinião (BARBOUR, 2009). Elegeu-se essa metodologia, pois, julga-se que os docentes têm muita facilidade de falar e expressar suas opiniões, e o fato de fazer isso em grupo enriquece o debate, pois as ideias se complementam e dão origem a valiosos achados de interesse científico.

Para responder às questões que motivaram este estudo e, no sentido de delimitar o universo de pesquisa, definiu-se como espaço de investigação a Universidade Feevale, localizada no Vale do Rio dos Sinos, região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul - Brasil. A Feevale é uma entidade de caráter comunitário, inovador, sem fins lucrativos, com autonomia didática, científica, administrativa e disciplinar. Um de seus objetivos maiores é o desenvolvimento regional nas dimensões educacional, cultural, tecnológica, social e econômica.

Para que o leitor tenha uma compressão melhor apresentamos brevemente o curso de graduação em enfermagem oferecido pela instituição que tem duração de 10 semestres e é voltado para a formação de enfermeiros para atuarem em múltiplas competências nas áreas da saúde: Competência para atuar frente às demandas gerenciais dos serviços de saúde e balizar a sua atuação profissional nos pressupostos teórico-científicos; Domínio dos aspectos técnicos específicos da área da Enfermagem; Competência para intervir no contexto social de forma criativa, crítica e autônoma propondo alternativas para o equacionamento dos problemas de saúde da população; Mobilização dos saberes na relação com a comunidade e capacidade de interagir com a equipe multidisciplinar de saúde e com os clientes, e atuar como promotor da saúde da população. Este profissional egresso é responsável, também, pela prevenção, promoção e recuperação da saúde dentro da comunidade. A forma de ingresso abrange: vestibulando, reingresso, portador de diploma, transferência, troca de curso, troca de turno ou classificação PROUNI, a partir de 2014/01. Os critérios de inclusão para a participação nesta pesquisa foram: A) serem docentes e enfermeiros na Universidade em estudo há pelo menos seis meses, tempo estipulado para que o mesmo seja considerado integrado às políticas e metodologias institucionais. B) apresentar interesse e disponibilidade para participar do estudo. C) ter idade maior ou igual há 18 anos e concordarem em participar voluntariamente da pesquisa com assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. O grupo focal foi composto por 09 docentes que atenderam aos critérios de inclusão e aceitaram participar da pesquisa após um convite realizado com autorização da coordenação do curso de enfermagem para realizar durante

uma reunião ordinária do corpo docente onde foram apresentadas as datas das coletas de dados, apresentado o projeto de tese e coletados os endereços de e-mail dos participantes. Após foram encaminhados e-mail a todos que passaram seu contato realizando um convite documental para participação do presente estudo.

A coleta de dados ocorreu no mês março de 2017, sendo que para atender aos objetivos da pesquisa definiu-se a realização de três encontros com os sujeitos da pesquisa, previamente agendados por e-mail. A média de tempo dos encontros foi de uma hora e 40 minutos. Foram realizados em uma sala de aula da Universidade disponibilizada pela coordenação do curso de enfermagem. A formação em círculo com uma mesa ao meio dos assentos foi adotada buscando propiciar a interação face a face, o bom contato visual e, ainda, a manutenção de distâncias iguais entre todas as participantes, estabelecendo o mesmo campo de visão para todas. Optou-se por empregar técnicas comumente utilizadas em oficinas didáticas, entre elas as técnicas de explosão de ideias. Ao início de cada encontro foi realizada a apresentação de um vídeo de 10 min elaborado pelas pesquisadoras com o tema a ser trabalhado para que os participantes pudessem refletir sobre o tema do encontro para instigar a discussão e dar um direcionamento ao que seria abordado no encontro. Para atender a necessidade de anonimato dos participantes do estudo, os nomes fictícios dos mesmos foram nomes de pássaros, que foram colocados com um clipe em origamis em formato de pássaros, em uma analogia as aves que ensinam seus filhotes a voar, enquanto o docente tem um papel semelhante com o discente enquanto o conduz para a vida profissional. Foram entregues no primeiro encontro.

Antes da realização das discussões em grupo, foram oferecidas todas as explicações sobre o estudo e, após a concordância docente em participar, ocorreu a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, uma permaneceu com o participante e a outra com a pesquisadora. Os participantes receberam, no primeiro encontro, um questionário individual com perguntas voltadas a fim de traçar o perfil do grupo antes de iniciar as abordagens do tema. A duração dos encontros foi flexível, e depende das circunstâncias existentes entre o grupo e o assunto estudado (TRIVIÑOS, 1987).

Foram três encontros divididos por temas, a saber: 1º Encontro: o cuidado holístico, onde foram realizadas as apresentações, com o objetivo de identificar a percepção dos participantes sobre a visão holística. 2º Encontro: Metodologias de ensino-aprendizagem. 3º Encontro: Currículo, diretrizes curriculares e holismo na assistência de enfermagem.

Os encontros foram gravados e posteriormente transcritos, facilitando a análise do conteúdo. Para a interpretação das mensagens emitidas pelos sujeitos, foi utilizada a técnica da Análise Temática de Conteúdo, conforme proposto por Minayo, 2010, cujas fases organizam-se em pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Assim, foram identificados os aspectos relacionados aos questionamentos, que representaram os núcleos de sentido das falas, permitindo a formação de categorias temáticas de análise desta pesquisa. O objetivo da análise das informações é realizar uma

reflexão sobre as condições de apreensão e produção dos textos produzidos em diferentes campos. Visa compreender o modo de funcionamento e os princípios da organização (MINAYO, 2010).

METODOLOGIA DE ANÁLISE E PROPOSTA DE SOLUÇÃO

A análise das falas permitiu a apreensão de três categorias temáticas relacionadas à opinião dos docentes em relação à formação do cuidado holístico para a assistência com base nas diretrizes curriculares de enfermagem, são elas: **Categoria 1** – A visão holística versus humanização do cuidado; **Subcategoria 1** – A visão holística na percepção dos docentes de enfermagem; **Subcategoria 2** – Aspectos legais da formação do enfermeiro (O que está no papel sobre visão holística e humanização); **Categoria 2** – A visão holística: o desenvolvimento da competência; **Subcategoria 1** – O papel do docente-enfermeiro no processo formativo dos estudantes; **Subcategoria 2** – As metodologias de ensino-aprendizagem; **Categoria 3** – Limitações para o desenvolvimento da visão holística.

ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS

Apresentamos na sequência as contribuições de nossos interlocutores, os docentes do curso de Enfermagem da Universidade Feevale, buscando compreender como se dá o processo de formação dos estudantes e o papel dos docentes para a formação da competência para a visão holística do cuidado em saúde.

Cada um dos docentes que contribuiu para realização deste estudo foi denominado pelo nome de um pássaro buscando resguardar o sigilo e a identidade dos participantes.

A VISÃO HOLÍSTICA VERSUS A HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO

A palavra holismo provém do grego *holikós*, que significa todo, inteiro, completo. Essa prática impede tratar de forma fragmentada o processo saúde-doença, fazendo com que a saúde seja subentendida como uma mudança contínua aos desafios ambientais e ao equilíbrio dinâmico do organismo. O holismo, como novo paradigma de cuidado, vem emergindo amplamente dentro do contexto da humanização, e está diretamente relacionado às diretrizes do SUS, destacando-se aqui a integralidade (LEMOS, *et. Al.*, 2010).

Neste contexto, o enfermeiro precisa ser formado com quatro saberes que são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, que é trabalhar seus sentimentos, emoções, sua essência, possibilidades e limitações. E ainda, aprender a viver junto, pois necessita de uma equipe multiprofissional para poder atender as necessidades totais dos pacientes. Para o discente aprender a viver junto, precisa ter essa experiência em sala de aula com o docente, pois ali inicia sua formação. A autora ainda ressalta que não é possível a formação de um ser humano sem componentes como amor, espiritualidade, ternura e afeto, pois desta forma, seria apenas transmissão de conhecimento (FARIAS, 2005).

Nas teorias de enfermagem há pelo menos 10 que apontam paradigmas holísticos, mas pelo contexto do trabalho destacamos aqui a teoria ambientalista de Nightingale, pois a visão holística na Enfermagem tem evidência desde o surgimento da profissão com Florence Nightingale em meados do século XIX, podemos observar que, no ambiente físico, a abordagem holística é evidenciada quando são contemplados os componentes ambientais naturais (o ar, a água, o céu, o sol), pois ela ao considerar que o desequilíbrio de um destes componentes levaria ao surgimento de nosologias, estava considerando a ecologia planetária. A Teoria Ambientalista de Nightingale constitui-se de uma interação entre os ambientes físico, psicológico, social e espiritual, os quais associados a ações do enfermeiro podem levar à identificação de fatores determinantes do processo saúde/doença. Por fim, a essência desta teoria baseia-se num ambiente positivo, transparente e saudável ao viver de seres humanos que necessitam de ajuda e de cuidados, ou seja, o encontro da ciência com a consciência (NETO, NOBREGA, 1999).

Observa-se que a visão holística exerce papel muito importante para o processo de humanização da assistência de enfermagem, talvez por isso sejam compreendidas como sinônimos. Em diversos momentos nos encontros realizados com os sujeitos da pesquisa durante a coleta de dados os mesmos fizeram citações sobre humanização como sinônimo de visão holística, ao ouvir os relatos dos sujeitos da pesquisa pode-se estabelecer a relação com clareza, sendo este um assunto a ser explorado em futuras pesquisas, uma vez que para os professores terem visão do todo está ligado a poder ter empatia pelo próximo, como pode se observar nas citações abaixo:

João de Barro (1º encontro): Eu queria colocar que eu percebo no meu aluno o cuidado holístico quando ele tem empatia pelo paciente, ele se coloca no lugar, [...] às vezes a gente tem que chamar a atenção para a empatia pela pessoa que está ali deitada, que está recebendo o cuidado, que não é só medicação, que não é só tu gerenciar aquele cuidado. Então eu vejo nesta sequência assim: o aluno olha para aquele paciente e se preocupa além do bem-estar físico, o bem-estar social, psicológico, então nesse sentido eu vejo que entra muito o cuidado holístico, o aluno ainda tem esse olhar empático.

Pode-se perceber que, para o docente, está intimamente ligado o fato de atuar com a humanização ser ter visão holística, nota-se que pode a junção desses dois termos dar origem a uma definição do que entendemos pelo melhor cuidado para cada um, pois devemos considerar que cada ser humano tem suas vivências e percepções do que entende ser o melhor para si próprio e é preciso ser muito sensível e estar disposto a se colocar no lugar do outro para poder compreender o que é o melhor para cada um, o que cada pessoa precisa além de sua queixa principal.

O desenvolvimento da visão holística parece ser algo muito difícil de ser compreendido sem a associação com a humanização, pois quando se trata de seres humanos que estão dispostos a cuidar de outros seres humanos isso pode soar um pouco redundante, pois como se pode ver o todo do outro se não for capaz de ser empático? No entanto, na prática do cotidiano de trabalho na enfermagem e nas pesquisas de opiniões dos usuários do SUS que deram origem a projetos de humanização na assistência à saúde, o que se observa é a triste realidade de que se tem cada vez mais dificuldade de compreensão da essência do cuidado, pois a supervalorização da técnica em detrimento do que é essencial isso parece muito incoerente aos olhos de quem entende e pratica o cuidado holístico, que pode causar estranheza e temas para refletir, como se pode observar nas citações dos docentes abaixo:

Pardal (1º encontro): [...] eu fiz o meu trabalho do mestrado sobre a humanização, né? A humanização do cuidado e realmente, né? Várias vezes eu me parei para perguntar: será que? Porque que foi elaborado um programa de humanização SUS se a partir do pressuposto de que humanizar faz parte do ser humano? [...] seja em qualquer área, quer dizer: tu estás lidando com pessoas, tu tens que ser humano! É o teu trabalho! Então a humanização, essa visão holística vai ter que existir! Mas eu sempre digo: - eu não posso abrir as cabecinhas e enfiar lá para dentro. É pessoal! Aí a gente vê aquilo que as gurias estão falando aí a todo o momento, né? Eu também dou prática e vejo a diferença dos alunos.

A demonstração da extensão dos valores do ser humano parece ser uma angústia entre os sujeitos da pesquisa, outros docentes presentes nos encontros corroboram com a opinião de que é algo muito incoerente de um ser humano não ter competências para prestar cuidados, mas, no entanto, entendem como sendo algo nato de cada um:

Curió (1º encontro): Como é que tu vais prestar cuidados para o ser humano sem ser humano?

Canarinho (1º encontro): [...] foca no ser humano, foca no cuidado! Curió (1º encontro): [...] é um ser humano cuidando de outro.

Os docentes tentam transmitir ao aluno do curso de enfermagem de que atua na área é muito mais do que uma escolha de uma profissão, cuidar de pessoas, não se pode desempenhar tal /desafio se não souber ser humano na sua mais primitiva essência, por isso se sabe que a profissão de enfermagem trata-se de um dom, uma questão de vocação para o cuidado como explica uma docente na coleta de dados:

Pardal (3º encontro): [...] a gente tem que lembrar o aluno que ele está aqui hoje não só por uma escolha do curso né, mas que ele tem que ter muito amor e vocação, né? Então ele tem que ter [...] então amor e vocação são dois palavras chaves que andam eternamente, [...] é algo que a gente tem que falar com eles sobre isso, pois parte dos princípios que eles estão tendo em sala de aula, em qualquer profissão e na nossa mais ainda. A humanização, então eu falo em legislaçã, fundamentos¹, fundamentos três, porque a gente está sempre humanizando, né, nós mesmos a família, dentro da nossa comunidade e nossos pacientes, não tem como! A gente sondar, a gente fazer quaisquer procedimentos.

A partir dos achados da pesquisa, corroborando com a os autores GABRIEL, *et. Al.*, 2010, a humanização como estratégia para a melhoria da qualidade da assistência foi identificada pelos docentes enfermeiros como a promoção de um cuidado integral aos pacientes, na perspectiva de cuidar do outro como gostaria de ser cuidado. Neste contexto pode-se afirmar que não se alcança a plenitude da humanização da assistência de enfermagem se não houver desenvolvimento da visão holística, ou seja, é preciso ter visão holística para atender as necessidades humanas do paciente, da mesma forma que é necessário ter empatia pelo ser humano doente para pode vê-lo como um todo. Não é possível prestar uma assistência de qualidade se não for capaz de incorporar a essência de ser humano.

Já dizia o Paulo Freire (1996) que a capacitação de mulheres e homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética. Ou seja, o ser humano e suas particularidades em primeiro lugar.

A VISÃO HOLÍSTICA NA PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DE ENFERMAGEM

Podemos afirmar com os achados na presente pesquisa que os docentes têm uma compreensão de que existe uma influência da visão holística para que ocorra o cuidado humanizado, está evidente que existe uma estreita relação entre os termos, no entanto, é de consenso comum entre os docentes sujeitos da pesquisa em suas falas de que a visão holística vem de cada ser:

Trinca Ferro (1º encontro): Na verdade tem algumas coisas que tu consegues ensinar para os alunos, outras... De tu conseguires se colocar no lugar da outra pessoa, eu sempre pergunto para eles assim: se tu ali, naquela condição de não poder falar, naquela vulnerabilidade? Tu não gostarias que te pedissem permissão para tocar no teu corpo, para fazer procedimentos? Tu gostarias que te pedissem permissão, por mais que às vezes ela não conseguisse falar, não significa que ele não consiga ouvir, que ele não consiga entender o que está acontecendo, né? O fato de ele não falar não significa que ele não entenda o que está acontecendo. Então é o respeito pelo próximo. [...] é realmente, alguns alunos vêm com aquela coisa técnica né? Eu quero coletar o CP, agora...

Apresenta-se de forma explícita a atuação do docente preocupando-se com o cuidado do todo do discente, de tal forma que ele tem a sensibilidade de identificar quando o mesmo está mais interessado na parte técnica do procedimento e conduz de forma que valoriza o ser humano paciente, e o ser humano discente também, quando é capaz de perceber que ele tem mais dificuldade com aquele tema, essa é a forma mais genuína de demonstrar seu comprometimento com sua profissão e tudo o que nela está inerente. Isso nos remete ao método Paulo Freire que aborda sobre a importância da leitura contextualizada para o discente, considerando a leitura do seu mundo (FREIRE, 2006). Observa-se na fala abaixo que a docente compreende a necessidade do discente de aprender a tarefa, mas parece entender que cada discente vai ter o seu tempo para assimilar a questão do cuidado holístico.

Curió (3º encontro): [...] é aquele aluno que ele não tem esse viés da humanização é aquele que tem outras questões negativas que a gente percebe logo [...] Por mais que a gente coloque a questão da sensibilidade, da sensibilização, né? Da escuta qualificada, a disciplina ela não vai conseguir [...]. Que todos, no mesmo tempo tenham essa compreensão [...] E que o aluno vem muito para a tarefa, né?

É interessante notarmos que além de se mostrarem gostar da profissão que exercem, os participantes da pesquisa manifestaram que sentem prazer no que fazem, que escolheram ser docente pelo amor de ensinar e, especialmente, que se realizam através da aprendizagem dos seus alunos. Observou-se durante a coleta de dados que embora os sujeitos da pesquisa concordem com o fato de que cada discente tem suas próprias vivências e formas de manifestar isso no cuidado ao paciente, eles não desistem do que acreditam ser o melhor cuidado, aquele feito com amor e por isso incansavelmente investem nele, como pode se observar na fala de uma docente:

Pardal (3º encontro): [...] porque não tem como tu ensinar a humanizar! Tem como a gente conversar, nos exemplos que a gente dá, nas vivências que a gente tem com eles em prática, em sala de aula, embora eu veja que o aluno vai ser daquele jeito, não interessa, eu não desisto dele, eu não desisto dele! De mostrar o meu amor pelo que eu faço, a paixão pela profissão que eu tenho, o amor que eu criei, o vínculo que eu criei na docência [...] porque quando a gente passa isso aqui na frente com certeza a gente deixa alguma coisa de diferencial neles, então eu acho que isso é fazer a diferença é não desistir, embora tu percebas que ele vai ser aquele que tu não queres que ele seja, mas que não desisto e não deixo de falar disso que nós estamos falando aqui, tentar trazer pra eles isso lá na frente, né? A gente tem bem consciência disso.

Outra docente corrobora com a manifestação de investir, acreditar e respeitar as diferenças no aluno, lembrou que o professor deve pensar em dar o exemplo para o desenvolvimento da visão holística, que é o caminho para excelência do cuidado, desde o começo da formação do aluno, para que quando ele chegar a ter o contato com o paciente já possa estar sensibilizado para atendimento com o melhor cuidado a ser prestado a cada um.

Pica Pau (1º encontro): mesmo sendo uma característica da pessoa de ser mais rude, de não ter aprendido a respeitar o ser humano, porque às vezes isso vem de berço, a gente realmente sabe né? Como é que são as características, eu acho que a gente ficar trabalhando assim, e como o João de Barro falou, tu dar o exemplo, tu fazer refletir, é tu puxar... A gente está falando muito do estágio, mas vamos começar na sala de aula: de que forma a gente coloca o conteúdo? Estou pensando quando eu organizei meu conteúdo, por exemplo: o cuidado à mulher na sala de parto, a mulher no pré-natal, dá uma ênfase maior para isso eu acho que também já é dar uma introdução para chegar ao estágio e estar pensando como é que... Quando começa a trabalhar a prática, não é só a questão teórica, a questão técnica, que quando começa a trabalhar já em sala de aula a questão de quem é essa pessoa que eu estou atendendo? Qual é o meu papel neste contexto? E a minha função neste cuidado? O que eu quero? Qual é o meu objetivo aqui? O que eu estou fazendo aqui? Ah! É cuidar dessa pessoa, mas para cuidar dessa pessoa de que forma eu preciso ver esse ser humano? Para que realmente o meu cuidado seja efetivo, e aí... Tem vários nuances que eu tenho que estar observando e é diferente de uma pessoa para outra não tem...

A partir das falas dos docentes pode-se entender que os mesmos têm se esforçado para formar enfermeiros capazes de ter uma visão holística para o atendimento ao paciente, no entanto, por vezes parecem descrentes no resultado do seu trabalho, pois a concretização do desenvolvimento da habilidade de se prestar um atendimento sofre muito a influência de cada ser e quando o docente percebe que seu esforço foi em vão sua frustração fica evidente:

Canarinho (1º encontro): eu sempre digo que para os alunos [...] gente cada instituição tem as suas normas, tem as suas regras que a gente tem que seguir, mas uma coisa também muito importante é que todo mundo tenha bom senso, ok! [...] daí teve uma situação particular [...] e eu tive um familiar lá, fez uma cirurgia de um tumor cerebral, uma menina de três anos e os pais da criança vieram falar horrores do enfermeiro para mim, sem saber que eu trabalhei lá, e que ele tinha sido meu aluno, e aquilo para mim... eu falei gente! Mas é tudo o que eu falava do bom senso! [...]

De acordo com Freire, 1996, o pensar e o fazer errado, não têm nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. “Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez”.

Podemos concluir, assim como Larocca e Girardi, 2011, apresentado no X congresso de Educação na Universidade do Paraná que um dos fatores mais significativos para a motivação dos professores nos está próprio discentes, no seu sucesso na aprendizagem,

na devolutiva e na importância que dão ao trabalho docente. Assim, podemos verificar que a motivação e a realização dos professores não implicam, necessariamente, satisfação no trabalho em relação a aspectos como a intensificação do tempo que lhe é dedicado, os salários ou a imagem social da profissão. Os alunos e seu aprendizado parecem ser, em grande parte, responsáveis pela manutenção da motivação docente o lhes elege como pessoas que estão na profissão certa, por amor a tarefa que desempenham, ou seja, que um dos fatores de fundamental relevância, senão o mais importante na motivação dos professores para com a atividade docente, está na empatia que os alunos têm com o aprendizado, na satisfação que estes demonstram, em estar agregando conhecimento.

ASPECTOS LEGAIS DA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO (O QUE ESTÁ NO PAPEL SOBRE VISÃO HOLÍSTICA E HUMANIZAÇÃO)

Este capítulo de investigação tem como objetivo a compreensão crítica da história da formação de enfermeiros no Brasil para compreender a coerência entre o que está proposta nas diretrizes curriculares, a proposta curricular do curso de graduação em enfermagem das Universidades, as práticas pedagógicas dos docentes e a compreensão da evolução do pensamento pedagógico brasileiro na formação de enfermeiros. Pois à medida que se conhece a história de uma profissão pode-se compreendê-la proporcionando reconstrução e o fortalecimento do saber histórico promovendo novas reflexões e propiciando a análise da evolução. Pois o conhecimento da história da enfermagem para o profissional enfermeiro não é apenas erudição (MENEZES, *et. Al.*, 2010).

Schmidt, 2003, no trabalho intitulado, Currículo: “Uma abordagem conceitual e histórica”, afirma que o currículo é um elemento neutro que reflete o conhecimento social, ainda garante que o mesmo tem história que necessita ser estudada e compreendida. Com isso, pode-se afirmar que há um trabalho constante na universidade na busca de aperfeiçoamento do currículo. O que se pode observar na fala dos sujeitos da pesquisa que se tem na Universidade em estudo, conforme relato abaixo:

Curió (2º encontro): Aqui na Feevale a gente foi agraciado! Assim porque de tempos em tempos a gente faz essas conversas assim sobre metodologia [...] Claro que a gente da enfermagem, não sabe das outras áreas né, mas a gente que dá saúde coletiva, o C1 e o C3 a gente já tem isso na prática, da vivência do grupo, da sala de espera, de fazer trabalhos manuais, trabalhos artesanais, isso a gente já tem um pouco porque a unidade nos proporciona e a gente acaba trazendo isso para a disciplina teórica também, mas claro que a Feevale, foi uma iniciativa excelente, acho que isso veio muito a calhar, porque as disciplinas que a gente teve assim: por exemplo: enfermagem com moda, com psicologia, com engenharia, com... Eram cursos todos misturados dentro de uma disciplina, e a gente conseguiu ver tanta coisa bacana que a gente nem imaginava que aquilo era feito naquele curso assim, né? Então a gente conseguiu ter uma boa visão e...

Nota-se que a Universidade vem dispondo de recursos voltados para enriquecê-la a metodologia utilizada pelos professores, essa estratégia de trocar experiências com os outros cursos da Universidade sem dúvidas traz um novo olhar sobre o mundo que certamente o docente tendo incorporado transmitirá ao seu discente, acaba sendo algo muito natural.

Na história do primeiro currículo instituído para o ensino de Enfermagem em 1923 havia um destaque para as disciplinas de saúde pública. No entanto, contraditoriamente havia uma tendência para influência do paradigma positivista e flexneriano, baseado na técnica, no ensino de enfermagem, que determinavam o foco biológico e hospitalocêntrico adotado pelo ensino. As alunas do curso de enfermagem cumpriam oito horas diárias de trabalho no hospital Geral do Departamento Nacional de Saúde Pública, na cidade do Rio de Janeiro, e ainda tinham as aulas teóricas e práticas. Posteriormente surgiram escolas de enfermagem seguindo a linha adotada pela Escola Ana Néri, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, já que esta foi considerada em 1931 pelo Governo como Escola Oficial Padrão. As alunas do curso de enfermagem eram utilizadas nos hospitais como mão de obra barata, estudavam em regime de internato ou semi-internato, enquanto as docentes eram enfermeiras dos serviços, apesar de ser desfavorável para a aprendizagem garantida a necessidade do ensino prático (COSTA; GERMANO, 2007).

Na Universidade pesquisada observa-se um afastamento do modelo flexneriano uma vez que se nota uma preocupação dos docentes em conhecer o que está no currículo do curso de enfermagem que aborda a formação da visão holística dentro da sua disciplina, como se pode observar nos relatos abaixo:

Canarinho (3º encontro): [...] na pediatria a gente começa falando sobre as fases de desenvolvimento da criança e a partir daí que vai formar o adulto, talvez ele precise conhecer essa criança para ver que adulto ele vai se formar então isso eu acho que faz parte de uma formação holística, é conhecer o desenvolvimento da criança, saber em que fase do desenvolvimento está essa criança para poder atender ela de uma forma humanizada, daí a gente engloba o cuidado então dessa criança e o cuidado da criança não é só a criança, a abordagem na saúde da criança ela envolve a família, ela é centrada no cuidado da criança e a família, então esse eu acho que é o diferencial no currículo de saúde da criança, e, aliás, de todos né? Porque a gente tem que cuidar de todos, no cuidado com o paciente, mais na saúde da criança mais especificamente, isso fica muito claro quando a gente trabalha de forma humanizada que a gente vai atender a criança hospitalizada e a sua família, isso faz parte do currículo, faz parte de uma das disciplinas do nosso cronograma.

Observa-se que o docente encontrou, no currículo da sua disciplina, a contemplação de uma estratégia para a formação holística, o próprio currículo está organizado de forma que consegue abordar o todo do paciente, o que se apresenta no ensino ser a forma mais genuína de abordar o ser humano no seu processo de saúde e doença.

Na história da enfermagem o ser humano não era o centro do cuidado, a saúde tinha outros interesses, durante a ditadura militar no Brasil (1937-1945) foram criadas 11 escolas de enfermagem, sendo que seis eram católicas, religião que tinha muita influência sobre a educação e a saúde, apesar de que desde 1889, quando foi proclamada a república, a igreja perdeu o poder sobre a área da saúde, com isso, assumiu mais influência sobre a educação (MENEZES, *et. Al.*, 2010).

Em 1949 a Escola Ana Néri, deixou de ditar o ensino de Enfermagem que foi regulamentado, ficando, a partir de então, a cargo do Ministério da Educação, havendo a primeira reformulação do currículo, a partir do Decreto nº 27426/49, e a promulgação da Lei nº 775, que dispõe sobre o ensino de enfermagem no país. No entanto, apenas em 1961 o ensino de enfermagem tornou-se universitário, conforme Lei nº 2995/56 que revogou a Lei nº 775. O ensino passa a ser regido pelo Conselho Federal de Educação, que tinha como uma das atribuições, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/61, a fixação de um currículo mínimo para o Curso de Graduação em Enfermagem, o qual foi regulamentado pelo Parecer 272/62 (MENEZES, *et. Al.*, 2010; COSTA; GERMANO, 2007).

Neste novo currículo foi diminuído o tempo de duração do curso de quatro para três anos e com isso houve um detrimento nas aulas práticas, havia um caráter curativista e as alunas deixaram de assumir a responsabilidade pela assistência, e com a Reforma Universitária em 1968, Lei 5540/68, as enfermeiras docentes deveriam assumir exclusivamente esta atribuição. Como consequência desta Reforma Universitária, um novo currículo foi construído para a Enfermagem em 1972, conforme Parecer 163/72 e Resolução 4/72, o qual teve como conquista significativa a determinação de que as atividades práticas deveriam ter carga horária não inferior a um terço da parte profissionalizante do curso. Com isso, as aulas práticas no curso de enfermagem continuaram a existir e surge o estágio supervisionado a ser realizado ao final do curso, o qual estava atrelado principalmente à disciplina de Administração Aplicada à Enfermagem, mas também às três habilitações que foram criadas na época, Saúde Pública, Obstetrícia e Médico-cirúrgica. Seminários para discutir a situação da graduação em enfermagem pelo Brasil, realizados a partir de 1986, culminaram numa nova proposta de ensino, em 1990, que se compromete com o fim da priorização do modelo biomédico, mas houve dificuldades em se cumprir (COSTA; GERMANO, 2007).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) - Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, traz no seu bojo uma alteração significativa nas bases da educação brasileira, abrindo espaços para a flexibilização dos currículos de graduação do país e favorecendo a superação do modelo de currículo mínimo e da grade curricular com um número excessivo de disciplinas interligadas por um sistema rigoroso de pré-requisitos. Essa flexibilização descortina possibilidades às instituições de ensino superior para implementarem Projetos Pedagógicos inovadores, numa perspectiva de mudança para a formação profissional e, finalmente, a adoção de Diretrizes Curriculares para cada curso (FERNANDES, *et. Al.*, 2003).

As diretrizes curriculares de enfermagem de acordo com MEC, 2012, Art. 3º, inciso I diz o seguinte:

O Curso de Graduação em Enfermagem tem como perfil do formando egresso/profissional: I - Enfermeiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos. Capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes. Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano (MEC, 2012, pág. 01).

O texto da diretriz deixa explícito a necessidade de formar profissionais com a visão integral do ser humano, entenda-se como visão holística, sendo uma formalização da necessidade dessa competência para desempenho da profissão e concretização do cuidado absoluto do ser humano. No entanto, encontrou-se na coleta de dados uma convicção entre os docentes de que existem as leis, as diretrizes, mais, no entanto, quem faz as coisas acontecerem são as pessoas de boa vontade e iniciativa e não as leis, os cargos, os títulos e organizações, pois em um País em que sabidamente se tem mais leis do que se pode fiscalizar, o segredo está, de acordo com experiências pessoais e profissionais, em fazer com que as pessoas comprem sua ideia e confiem na eficácia de sua finalidade, não porque você está acreditando que ela é boa, mas sim quando você está mostrando e provando que ela dá resultados, isso faz a diferença na formação de profissionais. Neste contexto o *insight* do ministério da educação com as diretrizes curriculares está em contar com Universidades e docentes que acreditam na proposta e a concretizam na formação dos profissionais que irão cuidar da saúde da população:

João de Barro (1º encontro): As próprias diretrizes curriculares e se a gente for ver porque surgiu o humaniza SUS? Porque, se a gente for ver..., mas hoje ainda tem coisas horríveis em função... A minha tia com 84 anos foi fazer uma endoscopia pelo SUS, como era pelo SUS não fizeram analgesia.

Curió (1º encontro): Por isso que não é o sistema, são os profissionais...

Pardal (1º encontro): São os profissionais que fazem o sistema! [...] Quer dizer: pode estar dentro do programa de aprendizagem da grade curricular, enfim... Na lei, nas diretrizes curriculares, pode estar que tem que ter essa visão holística, que tu tens que passar a questão da humanização, essa... Enfim, mas isso é "entranhado" dentro da gente.

A também que se considerar quando se trata de visão holística que ela é a base para o desenvolvimento da assistência humanizada, isso é muito relevante em nosso País, e uma preocupação para os gestores, uma vez que existe no Brasil desde 2001 um programa do Ministério da Saúde chamado Programa Nacional de Humanização da

Assistência Hospitalar (PNHAH) propõe um conjunto de ações integradas que visam mudar substancialmente o padrão de assistência ao usuário nos hospitais públicos do Brasil, melhorando a qualidade e a eficácia dos serviços prestados por estas instituições. Em 2003 A Política Nacional de Humanização foi elaborada para efetivar os princípios do SUS no cotidiano das práticas de atenção e gestão, qualificando a saúde pública no Brasil e incentivando trocas solidárias entre gestores, trabalhadores e usuários (BRASIL, 2001; BRASIL, 2004).

Pardal (1º encontro): [...] daí eu penso assim: é uma preocupação muito grande para nós, a partir do momento que tu tens que elaborar uma lei, um programa que fale sobre humanização... Então, em algum momento se deixou de humanizar. E é algo que não deve, que não pode acontecer, a gente não pode deixar o nosso aluno...

Notamos na fala da docente acima que há muito para se refletir sobre cuidado ao paciente quando se necessita criar leis que abordam a necessidade de humanizar o atendimento, quando na verdade era para ser algo intrínseco e natural do ser humano que presta o cuidado, entre os questionamentos que surgem ao pensar no assunto inclui o fato de que em algum momento da correria de trabalho e a sobrecarga muitas vezes presente do profissional enfermeiro, seu próprio trabalho passa a ser desumano, por diversas questões que fundamentam um estudo inteiro e que não são pertinentes nesse momento, ele pode perder a essência de humano e passa a refletir isso automaticamente no cuidado ao paciente que passa a ser “bode expiatório” nessa situação que passa por muitas instâncias.

Observou-se na fala de uma docente apoiada pelos demais presentes que é de conhecimento de todos que existem normas das quais a Universidade precisa cumprir perante aos órgãos responsáveis pela educação, mais que, no entanto, a Universidade e sua própria índole lhes tendência e incentiva para quererem fazer o melhor pela formação do aluno, como se pode observar no relato:

Curió (3º encontro): a gente sabe que a universidade tem aquela necessidade de composição do quadro, né? Que isso reflete em uma nota perante MEC, perante não sei o que, não sei o que... A gente sabe tudo disso! Mais a gente nota que também tem esse incentivo da questão de que a gente quer fazer a diferença, de que a gente quer atingir a excelência.

Isso vem a se apresentar como uma certeza de que está sendo trabalhadas na Universidade as competências legais, mas acima de tudo investindo no ser humano docente, que sem sombra de dúvidas é quem faz a diferença na formação, disso tudo se pode tirar uma lição valiosa de que não adianta existirem leis se não existir quem as cumpra por acreditar nelas, e aqui novamente o ser humano está em primeiro lugar.

A VISÃO HOLÍSTICA: O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA

Ensinar é um processo de construção de significados e entendimentos compartilhados a partir do respeito das diferenças é a construção cooperativa, que se apoia em valores, mas reflete em conteúdos concretos que são criados para atender a uma determinada sociedade. Se o discente do curso de enfermagem for capaz de aceitar, respeitar e entender as diferenças serão capazes de naturalmente mudar paradigmas no seu campo de atuação profissional. O aluno deve ser instigado a refletir sobre suas próprias ações, para que possa ser um agente capaz de atuar na diminuição da desigualdade. A formação é uma dinâmica, entendida como o desenvolvimento pessoal, uma vez que o desafio para o docente é instigar um futuro profissional que compreenda o processo de formação não acaba com a formação inicial, um sujeito capaz de mudar paradigmas em sua vida profissional e pessoal. O que nos remete ao pensamento crítico de Edgar Morin que afirma que é mais valioso dar sentido aos saberes do que acumular saberes (RIOS, 2009; CARUSO; DUSSEL, 1996).

Os docentes sujeitos da pesquisa demonstraram uma valorização e observação do aluno como um ser em construção, uma vez que possuem seus valores individuais e intransferíveis que exercem grande influência sobre seu comportamento como futuro profissional, entendem que do meio de onde o aluno vem ele sofre um processo de aprendizagem constante, no entanto consideram que embora tenham convívio com os diferentes atores do mundo social exerça forte influência na construção do indivíduo social, a liberdade e a individualidade também têm seu papel no processo de construção do futuro profissional e que muitas vezes isso pode ser negativo, como se pode constatar em algumas citações abaixo.

João de Barro (1º encontro): Alguns eu observo que tem essa visão holística do cuidado.

Curió (1º encontro): Acho que eles já trazem isso, até da sua formação.

Pardal (1º encontro): Às vezes muitas coisas fogem da nossa alçada que é a questão pessoal...

Curió (1º encontro): E essa visão muitas vezes não tem, e a questão holística, eu acho que muitas vezes significa o quanto ele se representa, seja naquela comunidade, o quanto ele se identifica, porque tem pessoas que não se identificam em lugar nenhum, elas não têm uma significância. E aí é esse momento com o teu aluno que tu vais dando uma significância, então como é importante para esse aluno, ter essa visão, se preparar, trazer de casa, que é difícil, claro que a grande maioria, né? Consegue deslanchar... Mas tem essa minoria que...

João de Barro (2º encontro): [...] e tu tá vendo coisas na graduação que tu deveria ter visto... A maioria dos nossos alunos da enfermagem eles são à distância né? O EJA¹ [...] então ele é prático, mas na verdade a figura do professor se anulou completamente, daí tu volta pra dentro de uma universidade e o professor está ali, e o aluno: olha, eu faço como eu quiser!

Periquito (2º encontro): Falta educação! Eu vejo que infelizmente muitos dos pais estão transferindo a educação dos seus filhos para a escola [...].

Observa-se certo desespero por parte dos docentes com o perfil dos alunos que vem encontrando no ensino superior que são reflexo de uma educação básica deficitária, mas mesmo assim, continuam investidos e seguindo suas crenças e convicções de que podem fazer a diferença em um esforço para preparar este aluno para quando chegar perante o paciente consiga enxergar mais do que um doente com um queixa e sim um ser humano que tem toda uma vida por traz de uma queixa, podemos constatar na citação de uma docente abaixo:

Pardal (2º encontro): [...] Mas eu sempre digo: é bom que a gente conheça o nosso público, conheça os nossos alunos, porque a gente está ali na frente e a gente começa a falar, falar, mas, pra quem eu estou falando?! Para conhecer um pouquinho de cada um: eu sempre peço no que trabalha? Para a gente ter uma noção [...] Mas eu digo para eles que é importante esse momento de se apresentar e de conhecer um ao outro porque eles vão precisar disso depois, né? Vai para um ESF², vai para uma UBS³, eu preciso conhecer minha comunidade! Não adianta eu sentar no consultório e dizer: Ah! Ele é hipertenso, ele é diabético e começar a dar aula para ele de diabetes e hipertensão, dizer que ele precisa comer isso, comer aquilo se o cara ganha 50 pila por semana. Hoje verdura e frutas estão caras! Né? Então ele tem que conhecer a comunidade dele da melhor maneira possível o que ele vai fazer. Pra melhorar a questão de saúde daquela comunidade, desse paciente, né? Então começa quando ele parte do princípio de que... Nesse momento, dentro da universidade [...] Os trabalhos que a gente faz as apresentações, eles não gostam, mas é bom, porque vcs vão fazer grupos de saúde, né? Então eu acho que está tudo dentro dessa visão holística, tu começa daí.

A pesar dos esforços dos docentes e a compreensão da importância de conhecerem seu quem é o seu público de alunos, existem lacunas na sociedade atual que não podem ser contempladas em sala de aula, como é o caso da sociedade de consumo, que hoje facilita o acesso de maior qualidade a maior quantidade de pessoas. Ou seja, não se pode conhecer o aluno pelo que ele tem, financeiramente falando, até porque se entraria em outras questões de julgamentos que não vem ao caso no momento, mas que, sobretudo não seriam fidedignas para saber de onde vem esse aluno, pois o consumismo faz com que as pessoas tenham o que nem sempre teriam condições de ter, sobre essa temática que apareceu na coleta de dados, observou-se em uma fala de uma docente um estratégia sábia de trabalhar o contexto social quando não se consegue conhecer o meio de onde vem aquele aluno:

João de Barro (2º encontro): [...] Hoje, é muito difícil tu conhecer os teus alunos. Primeiro antes a gente até tinha uma ideia pelo vestuário, pelo telefone... Pelo que ele trazia de coisas, uma bolsa... Hoje! Todo mundo está igual [...] Então hoje é muito difícil tu conhecer o meio onde vive o teu aluno. Então, o que eu faço com meu aluno para contextualizar a situação do paciente com o meio onde eles vivem? Eu os coloco na situação do contexto de onde o paciente veio: esse paciente veio da UBS o que eu vou perguntar para ele? Eu vou... Eu contextualizo o indivíduo doente. O indivíduo que busca a saúde, não o meu aluno, porque o meu aluno hoje eu já não sei que ele é. Eu não tenho como saber!

Essa tática utilizada em um primeiro momento pode parecer que não está valorizando o discente, mas que, no entanto, está priorizando o ver o contexto do doente o que fará com que o aluno se envolva com o ser humano e suas peculiaridades, a partir disso o docente, pode ir com sua expertise, conhecendo esse aluno e suas facilidades e dificuldades para promover o cuidado ao ser humano, muitas vezes ele vai inclusive se identificar com diversas situações apresentadas durante o contato com paciente, ou seja, quanto mais o professor convive, se aproxima desse aluno, com um objetivo em comum, no caso, ajudar o paciente, mais ambos se conhecem e estreitam relações para promover a construção do conhecimento.

Para corroborar com a compreensão das práticas educativas sobre o ser humano faz-se necessário primeiramente ponderar e entender que o homem é o sujeito do conhecimento, o qual está inserido em um cenário de atuação cotidiana, precisa-se pensar que toda ação do sujeito é educativa, é o que chamamos de “educar pelo exemplo”. Para educar é preciso compreender que não há docência sem discência, ensinar não é transferir conhecimento e que ensinar é uma especificidade humana. Com as novas diretrizes curriculares de enfermagem faz-se necessário uma mudança de paradigmas para o educador que precisa livrar-se do comportamento tecnicista de educar e assumir um papel mais ativo na formação do enfermeiro, que vem ao encontro com a filosofia de Paulo Freire. Ensinar exige corporificação das palavras pelo exemplo, exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos discentes, criticidade, estética e ética, risco, aceitação do novo e rejeição a discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Para Paulo Freire alfabetizar é conscientizar (FREIRE, 1996).

Nota-se o empenho dos docentes em seguir a filosofia de Freire no seu dia a dia mesmo com todas as dificuldades encontradas, observa-se que não tem uma receita pronta e acaba, mas que a cada dia se encontram novas estratégias e surgem novos desafios a ser superada outra dificuldade que se observou na coleta de dados da presente pesquisa foi que o docente nos dias atuais, com o capitalismo evidente dentro das universidades, tem dificuldades para fazer com que o discente participe do seu processo de formação, os relatos são de que o mesmo vem com a ideiação de querer tudo pronto, como se pode observar nos relatos:

Curió (1º encontro): [...] da importância de ele... Como é difícil de convencer eles a ter a vontade e o hábito de fazer leituras paralelas, eles entram na graduação eles só querem ler os livros da enfermagem, da UTI⁴, da não sei o que, os cadernos da atenção básica... Eles não querem ler filosofia, eles não querem ler...

Pode-se dizer que o professor vem se superando a cada dia, mas que, no entanto, não enxerga uma contrapartida à altura por parte dos alunos, nota-se certo desespero advindo do capitalismo em “agradar” o aluno por não saber o que ele quer, mas ele está pagando para estar ali então ele tem direitos que se uma universidade não der a outra vai oferecer.

Periquito (3º encontro): [...] o nosso aluno hoje em dia eu percebo, e as gurias podem concordar que quanto mais, esmagadinho, mais redondinho, ou quadradinho, sei lá... Tiver para ele é melhor, né? E a gente vive hoje uma situação em que o aluno de certa forma ele acaba tendo muito mais razão [...] quando tu não dás o quadradinho bem arrumadinho pra ele, ele te faz um julgamento e ele é cruel! Ele não é cruel! Ele é muito cruel!

Pardal (1º encontro): E a gente sabe, a gente conhece nosso colegiado, eu fui aluna, faço parte desse colegiado e assim oh! Porque que em mim está e porque que no outro não está?

Curió (1º encontro): Exatamente!

Canarinho (3º encontro): Mas é esse aluno que está aqui e que quer tudo prontinho para o momento da prova, ele só leu aquilo que está ali no slide é aquele profissional que vai chegar lá e que não vai querer mais trabalho!

Por mais que pareça desesperador esse sofrimento do docente com a chamada falta de interesse dos alunos no conteúdo exposto trata-se de uma forma no mínimo interessante de instigar o docente a conhecer, ouvir, atentar para seu público, obviamente o professor não vai dar ao aluno o que não for favorável para sua formação, mas exigirá um esforço em lhe oferecer um conteúdo cada vez mais apropriado para seu envolver seu público, em um esforço para formar o melhor profissional possível, com todas as adversidades para atender ao paciente.

Na teoria do conhecimento de John Dewey a aprendizagem parte de problemas ou situações que intencionam gerar dúvidas, desequilíbrios ou perturbações intelectuais. Da mesma maneira que aprender a partir da experiência permite estabelecer conexões para frente e para trás. Portanto, a experiência somente adquire a qualidade de um ato cognitivo quando é cumulativa e carregada de significado, o discente do curso de graduação em enfermagem precisa ser ouvido pelo docente para entender o quanto este ato tem significativa contribuição para aprendizagem, e assim será capaz de tornar-se um enfermeiro suscetível a ser um educador em saúde com competências humanísticas (ABREU, 2009).

Novamente em relação à participação do discente do curso de enfermagem e sua rotina exaustiva de trabalho e condições sociais em geral, em seu processo formativo temos relatos dos docentes de que os discentes do curso de enfermagem, lamentavelmente, em uma amostra viciada, não demonstram interesse em se formar um cidadão para o mundo na percepção do docente.

Curió (1º encontro): E a gente escuta o discurso também: ai! Mas porque que eu tenho que aprender isso? Não tem nada a ver com enfermagem! Ai, que coisa mais chata isso!

João de Barro (2º encontro): [...] ele é um aluno que ele quer tudo pronto, ele geralmente tem 2 ou 3 empregos...

Pardal (2º encontro): Ele tem a desculpa que ele trabalha né?

Curió (2º encontro): O aluno da enfermagem é o único aluno que ele compra um produto que ela não quer usar [...] ou ele quer muito pouco ou ele compra uso um pouco e ah!... E descarta aquele produto [...].

Periquito (2º encontro): Porque eles não querem, eles querem só o papel!

Pelo fato do aluno de enfermagem na grande maioria dos casos serem uma pessoa que trabalha em uma grande jornada de carga horaria, muitas vezes como técnico de enfermagem para conseguir pagar seus estudos, eles, de acordo com os docentes acreditam que já sabem atuar na prática profissional, e que assim só precisam de um certificado para poder ser enfermeiro. A essa visão limitada do aluno/técnico de enfermagem, que é o grande público da graduação de enfermagem, em relação à atuação do enfermeiro na prática se concentram muitas energias dos professores em demonstrarem o real papel do enfermeiro na sociedade bem como documentado nas diretrizes curriculares. Mas novamente, aqui se observa que os docentes sujeitos da pesquisa conhecerem seu público muito bem, embora não tenham talvez a dimensão que envolve essas pequenas observações que fazem e que lhes instiga a buscar excelência a cada dia.

Nesta linha de pensamento pode se afirmar que permitir que o discente seja sujeito ativo na construção do conhecimento permite que o mesmo desenvolva a humanização em sua prática profissional, pois no momento que o mesmo é ouvido e seus conhecimentos valorizados, tem condições de entender a importância desses atos e poderá replicar esta atitude frente à assistência de enfermagem. O docente não é o centro do saber, Karl Jaspers, 1965, em seu livro “Introdução ao pensamento filosófico” discorre sobre o conhecimento e a realidade em que se vive afirmando que um depende do outro para harmonia do saber. Mesmo com dificuldades para trazer o aluno para ser o ator principal no seu processo formativo, notou-se que o docente não desiste.

Pardal (3º encontro): [...] a ética do indivíduo, quem sou eu, quem que eu quero ser né, e isso é ele quem tem que... Que sabe! Embora a gente trabalhe em todas as disciplinas teóricas e práticas, ele é um indivíduo, ele tem sua ética, tem sua postura que está formada desde pequeno com suas vivências de escola, vivências pessoais profissionais que é o que forma ele. Então eu sempre digo, pensem bem no porque que vocês estão aqui, o que vocês querem ser, quem são vocês, o que vocês querem ser a partir de agora com essa graduação, porque eles têm uma grande responsabilidade, não é só o eu, só o que eles fazem, mas ele é responsável pelo que uma equipe faz, ele é responsável por todo o andar daquela unidade, ele é responsável por tudo de assistência que aquela equipe presta de cuidados com aqueles pacientes.

Com essa fala nota-se que ha sempre por parte dos docentes investimentos voltados a buscar a consciencia do ser aluno, buscando desenvolver o comprometimento com o papel que está disposto a desempenhar, que é o de cuidar de doentes, mas acima de tudo, que tem toda uma unidade para gerenciar, não tem como ser enfermeiro e se preocupar unicamente com um paciente, existem muitos fatores envolvidos no ato de gerenciar o trabalho de enfermagem que indissociavelmente exige uma visão holística para desempenho da tarefa.

Casate e Corrêa, 2011, afirmam que se o docente demonstrar perante o discente sua humanidade e princípios de ser humano, ele passa a ter um papel fundamental na formação pessoal e profissional do discente. Se ele crê no que diz seguramente o aluno também o acreditará. O ambiente democrático de uma escola onde os estudantes são respeitados e considerados como indivíduos e cidadãos proporciona melhores possibilidades de oferecer um tipo de experiência aos discentes que contribuirá decisivamente para o seu processo de desenvolvimento da competência moral.

Pardal (3º encontro): [...] os alunos vem de uma vivência, uma cultura diferente um do outro, eu sempre digo, que não vou conseguir colocar na cachola deles a ética e a postura, a gente fala sobre ética, a gente fala sobre humanização, o amor, a vocação, o cuidado, mais eu não vou poder abrir a cachola, é dele! A graduação toda ele vai passar por isso, vai passar por práticas, mas ele pode chegar lá... E eles são diferentes!

Canarinho (1º encontro): É! E é o aluno vem com a bagagem dele...

Detecta-se nas falas dos docentes que existe uma preocupação em valorizar o ser aluno que sem dúvidas é fundamental para o processo de ensino e aprendizagem.

É importante ponderar que não há como se tornar crítico quando só se pode falar aquilo que o professor quer ouvir. Não há como se ser criativo só executando atividades determinadas pelo professor, ser agente de transformação se as experiências propostas nas atividades curriculares continuam praticamente inevitáveis a várias turmas. Uma meta da educação é contribuir para formação de mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. A meta principal na educação é criar indivíduos que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente ficar repetindo

o que outras gerações já fizeram. Nossos acadêmicos podem ser criadores, inventores, descobridores (PIAGET, *et. Al.*, 1981; MAGALHÃES, 2000, APUD, FAUSTINO; EGRY, 2002).

Canarinho (2º encontro): Uma maneira também eu acho que é valorizar aquele é técnico normalmente traz muitas experiências, acho que valorizar essas experiências que eles têm dentro de sala de aula, mesmo os que não têm, os que não são técnicos eles trazem também [...] então, eu acho que essa valorização e expor no grupo tudo o que eles conhecem sobre o assunto é uma maneira legal, assim... Adequada de a gente conseguir compartilhar com todo mundo, né? É uma metodologia talvez de ensino também.

Acreditamos assim como Rios, que é necessário, pensar sobre o papel da educação na formação de uma nova visão de vida e de sociedade, voltadas para o bem comum, para a realização pessoal e coletiva dos indivíduos, e na Universidade como centro de produção de conhecimentos, saberes e fazeres novos, na busca de uma visão de totalidade, de universalidade. Em qualquer instituição educacional, o docente é aquele que tem como tarefa partilhar, séria e rigorosamente, o conhecimento e os valores, formando seres humanos e formando-se humano junto com eles. “Nascemos humanos, mas isso não basta: temos também que chegar a sê-lo”. Na verdade, ninguém nasce humano – torna-se humano. “E esse tornar-se acontece por meio do processo educativo” (RIOS, 2009, p. 15).

Periquito (1º encontro): é eu já dei o primeiro estágio e atualmente eu dou o último, e é claro que ainda chegam alunos no último estágio ainda padecendo por coisas que deveriam ter sido arrumadas, ajeitadas, trabalhadas lá no começo, mas claro que isso é uma questão individual de cada aluno.

Nota-se um esforço constantemente em trabalhar junto ao aluno suas dificuldades e perceber que cada um tem suas particularidades.

É importante salientar, que os métodos chamados tradicionais ou novos são assim considerados em razão do enfoque central que dão aos diferentes elementos envolvidos na ação educativa, portanto, é caracterizada a educação tradicional como apoiada na autoridade, no professor, e a educação renovada como aquela que se fundamenta no aluno, nas suas motivações e em seus interesses, os métodos de ensino podem ser entendidos nessa mesma linha de raciocínio. Com o conhecimento cada vez maior das ciências da educação, é natural que os métodos também passem a ser afetados pelos novos conhecimentos que se adquirem dia a dia a respeito da aprendizagem (PILETTI, 1995).

Os docentes sujeitos da presente pesquisa demonstraram preocupação com a pouca interação do discente com o paciente em campos de estágio, a isso se atribuem as grandes preocupações que o discente demonstra em realizar procedimentos técnicos dos quais ele se apega como principal componente para a formação profissional, em detrimento de um cuidado holístico ao paciente. Podemos ver nas suas falas que os docentes, entendendo a necessidade do cuidado do todo do paciente acabam assumindo o papel de comunicação com o mesmo:

João de Barro (1º encontro): No primeiro estágio tem banho de leito e tem medicação, então não interessa que é a Maria, interessa que ela tem banho de leito e que ela tem medicação. Então eu entro lá com todo aquele material, então eu observo que quem cumprimenta que faz a social com o paciente e com a família sempre é o professor. Bom dia! Porque o aluno está envolvido é no procedimento.

Pardal (1º encontro): Até porque ele está preocupado na avaliação, eu não sei mais me parece...

Pardal (1º encontro): E é cultural, da escola, da vida!

Podemos observar que para o docente a interação com o paciente e seu familiar faz parte do atendimento ao mesmo prestado e o professor o faz, sendo um modelo para o aluno de que se deve ver o trabalho do enfermeiro como algo muito além do saber técnico, e assim, como afirma Freire, 1996, é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. O docente ao mesmo tempo em que está em constante edificação ajuda na construção de um novo profissional de enfermagem, até porque o discente também é um ser humano que está ali, frente ao paciente rodeado de medos e angústias por estar enfrentando o desconhecido, é natural do ser humano estar mais retraído e menos preocupado com a cordialidade e a empatia quando está enfrentando o desconhecido, pois todas as suas energias estão voltadas naquele momento em realizar o procedimento adequadamente, mas quando o docente faz o papel social de cordialidade junto ao paciente, naturalmente o discente vai entendendo aquilo como fazendo parte do procedimento e vai incorporando a sua percepção e consequentemente construindo sua visão do todo.

O PAPEL DO DOCENTE ENFERMEIRO NO PROCESSO FORMATIVO DOS ESTUDANTES

O docente está em constante processo de construção do seu aprendizado, em síntese, podemos afirmar que cada docente se torna no professor que é a partir do resultado de um processo idiossincrático e autobiográfico de desenvolvimento pessoal e profissional que, tendo por base as suas características pessoais e a sua personalidade, se realiza através de transições de vida, para que concorrem fatores de natureza pessoal, social e profissional que compreendem o ambiente de trabalho, as características específicas da profissão, os contextos históricos e organizacionais e as culturas em que os professores desenvolvem o seu trabalho, bem como as respectivas fases de desenvolvimento cognitivo e emocional (GONÇALVES, 2009).

Esse importante processo de formação continuada dos docentes é algo indissociável da metodologia de mudança da escola em um caminho evolutivo de melhorias que o mercado exige da escola (FREIRE, 2006).

Cabe lembrar que a essa constante construção do ser professor com seu empenho em cada dia ser melhor como pessoa e profissional que se deve a missão de preparar os jovens, não só para encarar o futuro com confiança, mas para construí-lo de maneira determinada e responsável. Podemos afirmar que os professores do ensino superior têm um papel determinante na formação de atitudes éticas positivas nos discentes que certamente irão refletir no prestado cuidado ao paciente (ROCHA; CORREIA, 2006).

De acordo com Sobrinho, 2011, os discursos e modelos atualmente predominantes apregoam que o professor deve ser considerado em todas as suas dimensões de ser social: política, cultural, subjetiva, didático-pedagógica, deve ser o facilitador de aprendizagem, para ser visto como ser reflexivo que alia ação-reflexão-ação e pesquisa. Considerar a reflexão, a crítica e a pesquisa como atitudes que possibilitam ao professor participar da construção da sua profissão e no desenvolvimento da inovação educativa, significa contribuir para uma formação docente voltada não só para a compreensão da realidade que circunda o meio acadêmico, mas também nos espaços sociais por onde circula e atua, ou seja, o professor é um agente de mudanças sociais. Observou-se na coleta de dados que os docentes estão cientes do seu processo de construção do ser docente e da sua contribuição como referência para os discentes.

Curió (1º encontro): Eu passei um período da minha formação que eu era mais dura do que eu sou hoje, com a questão de técnica [...] uma coisa importante: a gente também está construindo o ser professor. A gente não nasce professor, a gente não é um professor em um ano ou 10 anos, ou 20 anos, a gente está sempre aperfeiçoando.

Pardal (1º encontro): Não! É um eterno aprendizado! [...] O professor ensina e aprende.

João de Barro (1º encontro): Então eu sempre acho que o trabalho do professor, e eu acho que eu não tinha essa visão e hoje eu tenho, ele não termina quando termina a disciplina, ele não termina quando termina o curso, ele segue. Se o aluno te busca, é porque tu deixaste alguma coisa lá plantada.

Curió (1º encontro): Tem coisas que eu tentei com uma turma e deu muito bem, tem outras que não. E aí a gente tem que ir se reciclando, se refazendo né? E aí aquele professor que está há mais tempo, claro que ele vai ter vivido essa experiência, muitas vezes do certo e errado antes da gente, mas inevitavelmente a gente também vai ter que viver isso.

Observa-se uma autocrítica construtiva nas falas, parece estar claro para os docentes sujeitos da presente pesquisa a virtude da coerência entre o que se fala e que se faz, obviamente é necessário aceitar que não há coerência total, pois é necessário que haja incoerência para que a coerência tenha sentido, no entanto, existem algumas aceitáveis e outras incompatíveis com o que se pretende transmitir de positivo a um ser em formação (FREIRE, 1989).

No entanto, ser professor não é fácil, pois vivemos uma conjuntura política, econômica, social e até cultural que não motiva a escolha da profissão docente. O Estado e a Sociedade estão cada dia mais transferido para a escola a responsabilidade de sarar todos os males sociais que os governos não são capazes de enfrentar. Por cada nova competência que se lhes exige, sem a correspondente formação, o professor vai atingindo níveis cada vez mais preocupantes de incompetência no cumprimento desses novos saberes que se lhe impõem e para os quais não foi preparado, aumentando os seus níveis de stress e de erosão profissional (RUIVO, *et. Al.*, 2011).

O que é um fenômeno interessante de se observar é que mesmo quando os docentes se dizem insatisfeitos com algumas situações cotidianas trazem algumas ressalvas que apontam para a existência de aspectos que os gratificam no exercício profissional, encontrou-se em algumas falas dos sujeitos da pesquisa a satisfação com seu trabalho quando recebem feedback positivo de seus alunos, de tal maneira que parece superar todas as dificuldades e lhes servir de motivação para seguir na profissão:

Canarinho (1º encontro): [...] vários alunos que passaram no EC4⁵, acho que foram 4 turmas até hoje me mandam mensagens perguntando profe o que eu posso fazer, perguntando dicas do que fazer, e dizendo profe eu não esqueci que tu me falaste tal coisa, pedindo ajuda, então isso aí é uma coisa muito legal, por mais que tu não vai agradar todo o mundo mais ficou em alguém ficou! E tem em todos os grupos, do EC4 ainda tem gente que procura para dizer: eu nunca esqueci o que tu disseste [...] então esse é um retorno interessante [...] acho que é assim que a gente consegue medir.

Curió (1º encontro): E aí, alguns veem isso, ou seja: esse feedback, esse estar bem. Isso é uma questão que a gente fala toda essa questão do holístico, do se colocar no lugar do outro, também tem a ver com isso, se eu estou fazendo aquilo que eu realmente quero fazer, porque quanto menos eu fizer aquilo que eu gosto, pior eu vou atender as pessoas, e é assim a gente sabe...

Canarinho (1º encontro): Esse retorno dos grupos de Whatsapp eu acho muito legal, para mim é o máximo assim que eles ainda lembram né? E convidam vamos tomar um café? Vamos isso vamos... Convidam para o aniversário da filha... Sabe essas coisas assim? Ligam pedindo indicação de médicos.

Observaram-se também nos encontros realizados que a pesar das inúmeras dificuldades encontradas pelos docentes para formação de um enfermeiro com competência holística para os cuidados do paciente, ele não desiste, e demonstra muita satisfação ao perceber que sua missão está contribuindo para a formação de ser humano capaz de fazer diferença em sua atuação profissional, é a sensação do dever cumprido que seja difícil de explicar, mas é quando se vai em direção ao que se propõe e consegue superar suas próprias expectativas.

Pardal (3º encontro): Mais como é bom a gente poder ver a percepção deles quando eles fazem as coisas da assistência do paciente e eles veem que deu resultado [...].

Arara (3º encontro): Sabe por que eu fico feliz quando o aluno percebe o exemplo negativo? Porque eu digo: então a gente está no caminho certo, porque se o aluno está percebendo, não sou só eu [...].

Os docentes durante a pesquisa também demonstraram uma responsabilidade social e um carinho pelos alunos que lhes permite acolhê-los como ser humano e assim já lhes oferecem um a liberdade para expor seus sentimentos e isso é usado como exemplo para que os discentes percebam o quanto se colocar no lugar do próximo enriquece o cuidado. Tivemos ao longo da coleta de dados alguns relatos de nos remetem a afirmação de que uma atitude acolhedora, um exemplo, uma ação de atenção ao ser humano discente faz toda a diferença quando se fala em formação de um profissional com uma visão holística do cuidado.

Freire (1996, p. 16) questionava o “porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamental aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de tal descaso dos dominantes elas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partida. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos”. A realidade social não se dissocia do ambiente universitário e se revelam de maneira muitas vezes inesperada, como podemos ver na fala das professoras abaixo:

Arara (1º encontro): [...] eu estive dando uma aula teórica [...] violência doméstica, e na sala de aula 2 alunos, perante os seus colegas, falaram um que tinha sido abusado sexualmente pelo irmão e a outra que tinha sido abusada sexualmente pelo padrasto. Aham! Isso em sala! Daí já tem que trazer para eles que, para os colegas, eles abriram uma informação tão pessoal na frente dos colegas, espera que não saia daqui esse assunto, e que se ele falou ele está precisando de ajuda, né? E aí depois eu tive o prazer de dar aula prática para esses mesmos alunos, e receber casos de violência e tu vê a abordagem deles é totalmente diferente! Eles se colocam muito no lugar daquele paciente, né? Então, por isso que eu digo que muito é a tua experiência de vida que vai fazer como que tu vais tratar as pessoas, porque se é uma criança... Se for um aluno, e a gente pode ter horrores desses casos...

Periquito (1º encontro): Uma vez eu atendi uma mulher com duas alunas lá no campo e aí a mulher começou a falar que tinha violência com o marido e de repente eu olhei para aluna e a aluna estava chorando, e aí claro que no primeiro momento tu achas que a aluna estava chorando pela história que...

Arara (1º encontro): [...] a pessoas está se colocando no lugar...

Periquito (1º encontro): [...] e aí quando a pessoa saiu ela disse olha... Contou-me coisas... É uma aluna que em sala de aula, que tu dizes que... Se eu disser o nome dela aqui quem deu aula para ela não vai nunca imaginar... Ela só não morreu porque tem aqueles anjos... O cara jogou álcool em cima dela e pegou o fósforo, então ela conseguiu e o mais bonito é que ela conseguiu dar a volta por cima, sair disso... E o quanto ela houver aquilo dali foi difícil.

O acolhimento e a percepção do docente quanto às necessidades de cada discente se mostra essencial para a formação de um ser enfermeiro com visão holística para o cuidado, os professores apresentam-se como um ponto de referência para os alunos e assim assumem um papel realmente de educadores em sua mais pura essência. As mudanças que se esperam nos discentes terão que serem pautadas na reflexão e no diálogo, no qual os alunos, sutilmente serão induzidos e forçados a aprender a pensar, a desenvolver elevadas capacidades de criticar suas ações, o que lhes possibilita fazer frente aos problemas que a vida lhes trazer (ROCHA; CORREIA, 2006).

Nota-se nas falas dos docentes abaixo que há certa estranheza por parte dos docentes quando se deparam com situações em que o aluno lhes parece estar mais vulnerável, mas que, no entanto com sua essência acolhedora e seu comprometimento com o aluno desempenham um papel importante na formação da visão holística do discente quando na mais metodológica das ações ensina pelo exemplo, demonstrando a importância da empatia, além do mais, se o aluno conseguiu deixar com que suas emoções se evidenciem frente aquele docente, de certa forma já está formado um vínculo entre eles que deve ser fortalecido para segui-la como processo de ensino e aprendizagem.

Arara (1º encontro): Difícil né? No primeiro momento a gente como professor vê o aluno chorando a gente pensa: bah! Descompensou-se, vou tirar ele daqui desse meio, vou conversar...

Pardal (1º encontro): Ele se identificou com alguma coisa...

Arara (1º encontro): Exatamente! Eu percebo que o aluno quando ele se descompensa em uma situação [...] não é a situação clínica do paciente, ele se colocou no lugar dele, ele se identificou com alguma coisa, então tu tem que tirar aquele aluno e trazer ele e conversar, e tu tem que, sei lá, ser o mais possível solidário, ouvir... Já me aconteceu em sala de aula essas situações, são as principais, então a gente tem que... A gente também como professor, como tu reage, porque daqui a pouco tu também, tu te coloca no lugar daquele aluno, e daqui a pouco quem disse que aquele professor também não passou por uma situação, de alguma experiência na família, ou próxima a ele...

Deve-se ressaltar que o perfil do professor universitário não deve se restringir a apenas deter conhecimentos técnicos referentes à sua disciplina, pois ele, a todo o momento, é tido como referencial de conduta para os seus alunos. Portanto, é de fundamental importância que o docente se perceba como agente transformador, para poder, de forma consciente, intervir na formação dos alunos sob sua responsabilidade. Alguns professores se tornam tão importantes para seus alunos que acabam por marcar sua vida de maneira permanente. É impressionante constatar a força da palavra do professor sobre a formação do educando. Do autêntico mestre se aguarda que transmita lições e prática do respeito, da moral, da amizade, da tolerância e da compreensão (ROCHA; CORREIA, 2006). A luz das palavras dos autores pode exemplificar com alguns achados na coleta de dados que demonstram claramente a percepção dos docentes sobre a importância do seu papel social na formação dos profissionais que atuarão na profissão de enfermeiros:

Arara (1º encontro): Ele vai ser o reflexo do professor!

João de Barro (1º encontro): Ele também vai ter então ele tem que olhar para ti e ver: olha como ele está fazendo, como o professor está fazendo, então tu se torna...

Curió (1º encontro): É a função dos nossos educadores, né? Claro que na nossa vida, nossos familiares, de um todo né? A gente tem parte dos nossos educadores né?

Fica explícito que os docentes têm clara a influência que seus educadores tiveram na sua formação, bem como também estão cientes que a todo o momento estão na vitrine sendo observados e tidos como exemplos de condutas frente à sociedade e não apenas no palco da sala de aula, assim como é esperado de um mestre, acordo com Paulo Freire, o professor deve viver na prática o que ensina na teoria, de maneira que a prática não possa prescindir da teoria. Lembrando que é necessário refletir sobre a prática constantemente para teoricamente melhorá-la, pois a teoria deixa de ter repercussão quando não tem a motivação da prática (FREIRE, 1989).

Sabiá (1º encontro): Isso que eu queria colocar também, não é só ensinar! A gente também tem que dar o exemplo! E não é só no estágio, é também em sala de aula... Como você trata o aluno? Se tu queres que o aluno trate o paciente com respeito tu tens que tratar o aluno com respeito, se tu não queres que ele humilhe um colega tu não podes humilhar ele na frente dos outros.

Além do exemplo de conduta, as docentes abordaram também a importância do respeito ao discente, para servir como demonstração prática de como o futuro enfermeiro que ali está se formando, saiba como deverá agir frente a sua futura equipe de técnicos de enfermagem, um discente atendo perceberá que este professor está lhe oferecendo naturalmente todas as ferramentas necessárias para um excelente desempenho no seu papel profissional e ainda, se for mais minucioso terá na figura do professor um exemplo de vida.

Sabiá (1º encontro): Então tu podes colocar o que tu quiseres colocar... Agora tem a hora e tem o momento, então eu acho que tem maneiras de fazer as coisas, então eu acho que o teu exemplo vale muito. [...] porque não adianta tu falar e colocar um monte de blá, blá, blá, se na hora de... Tu não estás fazendo aquilo que tu preconizaste. Hoje ainda os alunos vieram me dizer da professora lá da outra escola: tu viste a professora? Ela não sai do celular! Fica xingando os alunos! Fica a manhã inteira... Eu vi! Mas eu fui fazer as minhas coisas nem dei bola..., mas então assim: xingando os alunos na frente de todo mundo e no celular! Fazendo nada! Então, não adiante tu exigir, cobrar e se tu estás com outra postura! Então eu acho que isso é muito importante! Tem muito no nosso colegiado. Tanto que tu te lembrás da postura de uma professora tua, que nem foi como ela te ensinou, foi como ela te tratou. Isso é muito importante!

Pardal (1º encontro): [...] A aluna disse: Ah! Meu Deus! Mas porque que tu não me falaste nada profe na hora? Eu disse: não! Eu não vou falar na frente do paciente, porque tu vai chegar, tu vai chegar vai chamar a atenção do teu técnico de enfermagem na frente do paciente, vai chamar a atenção na frente dos outros? Não! Eu estou falando para ti agora e nem falei nada só pedi para você pensar [...], até então não fez mal para o paciente [...], mas não é o correto [...] em nenhum momento, nunca eu vou te xingar e te chamar a atenção na frente do teu paciente. Porque eu não quero que tu faças isso com a tua equipe.

João de Barro (1º encontro): E tem outra coisa também que eu sempre digo para os alunos: como o paciente vai se sentir sendo atendido por uma pessoa que está sendo chamada a atenção? [...] então o professor ele tem um papel fundamental né? Nessa coisa de ser empático ou não, quer dizer, se o professor não se coloca com ele...

Ao mestre é indispensável saber ler a realidade sem ler as palavras, para que assim possa, inclusive, compreender as palavras. Trata-se da leitura do texto e do contexto, compreendida como visão holística, também é exigida de um docente que se pretende conduzir o caminho do conhecimento a percepção de que é preciso conhecer o ponto de partida de conhecimento do discente, pois não se chega lá partindo de lá, é preciso partir de cá (FREIRE, 1989).

Contudo, esses profissionais, conscientes de sua capacidade de intervenção, não podem abater-se diante dos empecilhos colocados pela universidade e pelo sistema como um todo. Antes, deve fomentar em seus alunos a gana por uma sociedade mais justa, mais humana. Esse propósito só será possível, se o docente permitir um canal de contato efetivo com o alunado. Tal caminho passa pela relação professor/aluno, que é sempre fecunda quando existe entre eles cordialidade, estima, respeito às diferenças e quando contribui para um constante debate sobre atitudes virtuosas, fomentando o surgimento dos princípios éticos nos discípulos (ROCHA; CORREIA, 2006).

Há de se concluir que o inacabamento de ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. Na coleta de dados, os docentes demonstraram, naturalmente em suas falas, que esse é um exercício comum em sua prática profissional, pois entendem que é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem, por mais frustrantes e difíceis que possam parecer que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, o desafio é que seja de tal modo concreto que quase se confunde com a prática (FREIRE, 1996).

AS METODOLOGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A compreensão originária de método refere-se ao caminho a ser seguido, observou-se nos encontros realizados que os docentes utilizam metodologias ativas o que é explicado por Paulo Freire como a educação libertadora precedia do desenvolvimento da capacidade do indivíduo criar suas próprias representações do mundo, estudar estratégias para resolução de problemas e aprender a perceber-se como sujeito da história. A autonomia, segundo Freire, é fundamental para construção de uma sociedade democrática e para criar condições de participação política, onde as pessoas tenham vez e voz e digam o que pensam. O papel do docente é formar cidadãos para o mundo (FREIRE, 1996). Foi muito satisfatório e gratificante ver no relato de uma docente sua compreensão e movimentação em relação ao seu papel de formar cidadãos para o mundo muito mais do que apenas um profissional enfermeiro.

Curió (1º encontro): [...] porque eu sempre digo: vocês são pessoas do mundo, vocês não são só da enfermagem, tem um montão de coisas paralelas acontecendo, então não adianta vocês virem para a faculdade achando que vocês vão aprender coisas só da enfermagem!

Isso nos remete a ter esperanças em relação aos futuros profissionais que o mercado terá atuando, uma vez que já existe um esforço e uma compreensão de que é preciso mais do que ser profissional, é preciso entender o mundo a sua volta, a isso se chama visão holística na mais genuína das compreensões. É o que Freire, 1989, explicava como a necessidade de compreender os textos e os contextos. A leitura, com seu papel de desenvolver mentes críticas e abrir caminhos para o conhecimento, na visão dos professores tem sido algo maçante e desprazeroso para os discentes, o que se revela ser algo muito preocupante, pois quanto menos os alunos se interessam pelo mundo a sua volta consequentemente mais limitado se tornam.

Educar exige do docente a capacidade de conseguir dosar a relação entre teoria e prática, criar possibilidades para os discentes produzirem ou construir conhecimentos, bem como a grandeza de reconhecer que ao ensinar, se está aprendendo e a capacidade

de estar se reinventando a cada dia. Saber despertar no discente a curiosidade, a busca do conhecimento, a necessidade de aprender de forma crítica, o interesse essa é uma batalha constante que o docente enfrenta na busca pela melhor forma de ensinar que não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Desse modo, deixa claro que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas de discente, as duas atividades se explicam e se complementam (FREIRE, 1996). Observou-se que os docentes têm um comprometimento desde o início da formação do discente em deixar claro que ele está optando por cuidar de pessoas e para isso é preciso de uma preparação, bem como um empenho em conscientizar da formação de um ser holístico, muito mais do que um profissional capaz de realizar apenas técnicas. “A razão pedagógica está também associada, inerentemente, a um valor intrínseco, que é a formação humana, visando a ajudar os outros a se educarem, a serem pessoas dignas, justas, cultas, aptas a participar ativa e criticamente na vida social, política, profissionais e culturais” (LIBÂNEO, 2004, pág. 01).

Aqui se nota uma preocupação dos docentes em desenvolver estratégias para o desenvolvimento de competências nos discentes com uma virtude incontestável e infalível que é a paciência, uma das características mais importantes um educador, pois nem sempre os alunos entenderão rapidamente o conteúdo que é proposto, mas com calma e dedicação tem maior probabilidade de sucesso no processo de ensino e aprendizagem, por isso os docentes devem sempre cultivar o máximo de paciência possível. Observa-se a professora com sua metodologia de iniciar despretensiosamente desde o início da abordagem de uma patologia a importância de considerar o ser que está por traz da doença, fazendo naturalmente com que faça parte do cuidado, atentando para o paciente da doença e não para a doença do paciente.

João de Barro (1º encontro): No momento que tu vais explicar para o aluno que o ser humano ele não é só órgãos, um sistema, ele é um ser pensante, que tem casa, que tem parente que tem seu próprio espaço ele já começa a ficar um ser holístico, já começa a ter essa visão holística, maior, abrange muito mais coisas do que tratar hipertensão, não! Quem é esse meu paciente com hipertensão, onde ele vive? Quem é a família dele? Qual é o contexto social dele? Então daí eu já começo a ver todas outras situações que não é só a hipertensão né? Que tem um contexto social.

É importante ponderar que quando se trata da formação de seres humanos não há como tratar isoladamente cada questão a ser ensinada, até porque o que se pretende de um futuro enfermeiro é que ele tenha competência para o desempenho de múltiplas tarefas e uma docente exemplificou sua abordagem estratégica para a formação de um enfermeiro com visão holística, considerando todas as relações que envolvem a formação, reforçando a importância dos vínculos e o acolhimento que na disciplina da professora abaixo são essenciais para o trabalho realizado pelo discente no campo de estágio, onde precisa portar-se como um enfermeiro frente a paciente que muitas vezes está vulnerável e só irá

se abrir com aquele profissional que está na sua frente se o mesmo lhe passar a segurança de que está ali unicamente para ajudá-lo, com isso o aluno só terá êxito com o paciente se for capaz de fazer a leitura do contexto daquela paciente que está ali na sua frente. Quando o discente consegue atingir esse nível de compreensão da empatia, certamente servirá como um exercício riquíssimo para sua formação profissional.

Periquito (3º encontro): [...] eu acho que os elementos que a gente traz tanto em aula como nos estágios, o que a gente procura fazer com que os alunos entendam é primeiro a humanização no sentido geral, não só com o usuário, em nível de prestação de trabalho, mas no sentido geral, desde respeito ao próximo, desde respeitar a individualidade de cada colega e até da equipe do professor e tal... Depois eu pensei no vínculo, que tem muito dessa coisa, vínculo com o professor, vínculo com a própria... Com o nosso usuário como a gente trabalha muito com o sistema único, né? Nas minhas disciplinas que eu ministro. O vínculo é essencial, tanto na saúde da mulher como na prática, sem vínculo, sem humanização a coisa não vai andar. E depois, uma coisa que está intrelassada a outra é o acolhimento [...] respeitando as características individuais de cada um deles. Pra mim então são esses os elementos dentro da minha disciplina que facilitam a formação holística. Entre as coisas que poderiam estar dificultando, uma das coisas é a percepção do aluno neste contexto, porque muitas vezes a gente tem um aluno muito mais interessado na prática, no fazer, no coletar o CP⁶, fazer, fazer, na técnica... Puncionar a criança! No sondar a criança... Mais e daí: quem é essa criança? Quem é essa mulher? Então eu acho que essa é uma das coisas que dificulta, e eu acho que a gente tem que trabalhar muito mais, principalmente em sala de aula né, que não é só o sondar. Claro que faz parte do nosso trabalho! É essencial! Mas não é só isso! Acho que tem milhares de coisas que se sobressai no nosso contexto! Então pra não ficar a mesma coisa...

De acordo com Libâneo, 2004, para Vygotsky a aprendizagem e o ensino são formas de desenvolvimento mental, com isso o ensino propicia a apropriação da cultura e o desenvolvimento do pensamento, dois processos articulados entre si, formando uma unidade. Ou seja, enquanto o aluno forma conceitos científicos, incorpora processos de pensamento e vice-versa, ou ainda, enquanto forma o pensamento teórico, desenvolve ações mentais, mediante a solução de problemas que suscitam a atividade mental do aluno. Assim, o aluno assimila o conhecimento teórico e as capacidades e habilidades relacionadas a esse conhecimento. Essa tem sido outra estratégia utilizada pelos docentes como metodologias ativas de ensino e aprendizagem que vem ao encontro do que diz respeito a envolver o aluno com assuntos que lhe interessam, pois o aluno de enfermagem em geral se interessa pelas experiências que os professores trazem de suas vivências profissionais com o cuidado, quando o mesmo divide suas histórias os exemplos e as relações com o que se está ensinando ficam muito mais envolventes e eficazes. Lembrando que o discente também tem liberdade de expor suas experiências para articulação com o conteúdo em questão o que enriquece as aulas e as torna mais atrativas.

Pardal (3º encontro): [...] Quando a gente traz essas vivências assim para a sala de aula ajuda na articulação, e mesmo que eu não tivesse trazer isso para dentro da sala de aula, que nem tu trouxeste hoje, vídeos, para não ficar tão... Assim... Dá um diferencial... Tu não ficar tão apegado: o conteúdo está aqui, não! A gente está dentro de uma universidade! A liberdade né? Tem que ter uma articulação das coisas não é aquela: pergunta, agora responde... Ou tu fica ali parada... Porque que tú não pode ter esse momento de trazer uma experiência, deixá-los trazerem também, eles tem as vivências deles como técnicos de enfermagem [...] eu acho que isso agrega significativamente, é o que tu trouxe ali no vídeo, a criança faz tudo o que tu tá fazendo, se tu der o exemplo bom, se tu der o exemplo a nossa postura, as nossas condutas, até a forma como a gente se veste, como a gente aborda como a gente fala então isso eu acho que é essencial para a gente ter essa articulação em sala de aula. E uma: a gente precisa ter toda essa postura, todo esse cuidado porque a gente tem que ter isso lá depois com o paciente, a gente tem que respeitar né? Tem o familiar a gente tem que... Têm os colegas, a chefia [...].

Talvez a principal estratégia utilizada pelos docentes para o provento de resultados positivos quando o assunto é o desenvolvimento de visão holística seja a de dar o exemplo e aspirar por bons segmentos. Pois se entende que um bom exemplo tem muita relevância e contribuir em uma das principais atribuições do docente que é o ensinar a pensar certo, não se entende como certo apenas a versão do professor, mas sim, a capacidade de dialogar sobre as possíveis verdades e com isso, tanto educador quanto educando estão sujeitos na construção do conhecimento, a partir de suas vivências prévias. Educar é essencialmente formar e para tal é preciso agir como um ser a ser seguido. Quem pensa certo sabe que as palavras a que falta corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo (FREIRE, 1996).

O docente que faz certo tem a incumbência de investigar como ajudar os alunos a se constituírem como sujeitos pensantes e críticos, capazes de pensar e lidar com teorias, argumentar, resolver problemas, diante de perplexidade da vida real. A essência está na formação da personalidade baseando-se no desenvolvimento do pensamento teórico, a aquisição de métodos e estratégias cognitivas gerais de cada ciência, em função de analisar e resolver problemas e situações concretas da vida prática. O pensamento teórico se forma pelo domínio dos procedimentos lógicos do pensamento, que, pelo seu caráter generalizador, permite sua aplicação em vários âmbitos da aprendizagem (LIBÂNEO, 2004).

O docente se utiliza de algumas estratégias das metodologias ativas para instigar o discente a pensar e agir como um ser holístico no cuidado ao paciente, muitas vezes naturalmente nas práticas de estágios realizadas durante a graduação que vem formando consequentemente o ser holístico que atuará como profissional enfermeiro. A maneira espontânea e leve com que se aborda a atenção aos seres humanos em detrimento de apenas enfatizar a técnica parece ter resultados muito mais eficazes de acordo com as falas dos docentes.

João de Barro (1º encontro): A gente ainda está tendo e deve ensinar o aluno... Eu me lembro de uma aluna que eu disse assim para ela: Olha, tu precisas colocar fazer uma conversa com o paciente, porque é muito difícil tu chegar a uma pessoa e tira coberta, tira roupa... Invadir a privacidade sem tu dizeres nada, ou dizer: vou te dar um banho e vou te expor..., mas o que eu vou dizer né? E eu me lembro de que eu disse para ela: - se tu não tens o que falar, tu vais descrevendo a tua técnica. Bom dia! Vamos dar um banho, primeiro vamos lavar o rosto, depois vamos lavar o braço, e aí... [...] uma forma de que tu ficas o tempo todo conversando e não parece tão agressivo, né? E ela começou a rir daí ela disse: - daí eu vou virar um papagaio... Daí eu disse: - não! Tu vai ver que ao longo, no meio, o paciente vai interagir contigo e vai surgir a conversa

Pardal (1º encontro): [...] Só que a gente tenta lembrar para eles que o explicar te apresentar, dizer bom dia faz parte do procedimento [...] é uma forma de comunicação!

Canarinho (1º encontro): Colocar os alunos para pensar um pouquinho [...], mas ele tem boa índole, tem bom caráter...

Curió (2º encontro): Na disciplina teórica, porque na prática a gente consegue fazer isso, às vezes muito mais prontamente. Mais na teórica eu trabalho muito mais desde que eu aprofundi a questão da metodologia ativa isso tem melhorado muito o desempenho dos alunos e a questão de como eles aprendem sem achar chato entre aspas, mas é que na visão dele aquilo não vai servir diretamente, porque ele não vai para a aquela área em específico então ele acaba não vendo muito significado naquilo [...] porque tu podes passar mil coisas interessantes e não fazer nenhum sentido para ele e ele não vai absorver aquilo, né? E através da metodologia ativa que tu utiliza aquela coisa do pensar, discutir de se posicionar, discutir com o colega, eu acho que eles conseguem construir melhor. Fazer alguns exercícios com tomada de decisão: Ah! Vamos fazer aqui um trabalho, vou dar um estudo de caso e você vai ter que tomar uma decisão, dizer o porquê e justificar aquela tomada de decisão. Eu acho que faz eles pensarem recorrendo a essa vivência, né? Dele, do grupo, do colega, de uma vivência particular, né? Eu acho que esse tipo de metodologia, pra mim, tem facilitado bastante, até porque a gente consegue daí lincar a prática que eles estão vendo com a teoria que é dada ou a que será no estágio seguinte, por exemplo: Ah! Isso vocês vão ver mais em tal estágio, isso vocês já viram em tal prática a gente consegue fazer esse link, né?

Além de compreender a visão holística como parte essencial para um profissional enfermeiro o docente percebe e demonstra preocupação com aquele aluno que não acompanha o desenvolvimento holístico do restante da turma, mas compreende e respeita que isso é do aluno e que não há o que fazer a não ser dar o tempo que ele precisa para o desenvolvimento dessa competência, o que pode ser na graduação, na vida profissional ou nem vir a ser desenvolvido.

Curió (1º encontro): Às vezes a gente nota, principalmente nós que damos estágio mais no final do curso, que eles montam essa bagagem, mas tem aquele que está no meio daquele grupo que ainda é muito técnico, então, por exemplo, eu estou num grupinho que é maravilhoso, mas tem uma aluna que é bem mais técnica do que as outras. Então ela não tem a empatia, ela não tem... Ela é muito mais...

Pardal (1º encontro): Tarefaira, tarefaira...

Curió (1º encontro): Ela ainda não conseguir chegar, ela ainda não vai ter... Quer dizer... Talvez ela desenvolva, mas até o momento ela ainda não tem essa visão holística.

Pardal (1º encontro): e tu vê que é da pessoa, porque assim oh! Tudo nós passamos, toda essa informação, todo esse amor, todo esse carinho, então quer dizer: a gente passou tudo o que era importante e a gente vêem que ele lá depois ele não faz... Então, muitos momentos não são porque não está aqui, porque não está ali...

Pardal (1º encontro): Tem coisas que a gente não ensina que é da pessoa.

Os docentes demonstraram na coleta de dados uma inquietude com o perfil do discente em relação à formação tecnicista de acordo com Silva, 2004, a teoria tradicional baseada em Bobbit propunha que a escola funcionasse da mesma forma que qualquer outra empresa comercial ou industrial. Fundamentos da teoria curricular de John Bobbit estão baseados na concepção de administração científica de Taylor, onde o currículo era tecnicista de um ensino pronto e acabado, com objetivos gerais estabelecidos, que exige metodologia e somatório de disciplinas logicamente organizadas, distantes, contudo, do caráter pedagógico e de um currículo crítico, o ensino era baseado na moldagem. Na década de 1970, o movimento de recontextualização crítica do currículo foi considerado tecnocrático. No Brasil educadores como Paulo Freire, defenderam a necessidade de mudanças no processo educacional, com uma teoria da educação voltada para os interesses da maioria da população, esperando a sua emancipação libertação por meio de uma transformação social.

As teorias críticas baseiam-se em questionamentos, problematizações, transformações na realidade, questionam as relações de poder, de controle, a construção de valores e significados. As teorias pós-críticas surgem a partir do nascimento do multiculturalismo, um movimento contra o currículo universitário tradicional que privilegiava a cultura branca, masculina, europeia e heterossexual, ou seja, a cultura do grupo social dominante (SILVA, 2004).

O Brasil sofreu e ainda sofre a influência da Pedagogia Tradicional e da Pedagogia da Escola Tecnicista no processo de formação dos profissionais de saúde. Para trabalhar o tema inovação da educação fazem-se necessárias políticas educacionais que procurem instalar os significados de sua existência. Uma ruptura dos modos tradicionais envolve um conjunto de saberes e de capacidades, sendo estas propriedades coletivas da organização. Este fato relata as dificuldades nos repasses das informações intelectuais dos indivíduos, por serem difíceis de imitar ou de transferir para conhecimento comum (ALMANDOZ; VITAR, 2006; COSTA; GERMANO, 2007).

Apesar de todo o esforço dos docentes em avançar no campo da educação voltada para o ser humano em detrimento do foco técnico, ainda há muito que se conquistar neste terreno para se alcançar êxito no que se refere à expectativa dos alunos como se pode evidenciar nos relatos abaixo:

Canarinho (1º encontro): [...] e eles ainda chegam aos últimos estágios preocupados não com a preparação, mas em querer fazer procedimentos.

Trinca Ferro (1º encontro): tem alguns até que me dizem: - o estágio tal não foi bom porque a gente passou só duas sondas. [...]

um estágio não se mede pela quantidade de procedimentos que tu fizeste!

Pardal (1º encontro): E a gente tem que humanizar as pessoas para cuidar do outro, né? É por isso que lá na Argentina não se fala em humanização...

João de Barro (1º encontro): [...] muitas vezes a parte da empatia não esteja muitas vezes apto, mas a outra coisa se sobressai e ele vai para o mercado de trabalho, assim como tem aquele que ele é excelente no trato, mas ele não é tão bom assim na técnica e esse também vai para o mercado.

Curió (1º encontro): [...], mas ele vai desenvolver as habilidades!

João de Barro (1º encontro): Chato! Porque o ser humano ele vai desenvolvendo as habilidades ao longo da sua vida.

Arara (3º encontro): [...] eu acho que cada vez mais nós estamos trabalhando que a técnica não é tudo, e eu acho que todos os professores, na teoria e na prática a gente está tentando colocar isso na cabecinha deles, que o enfermeiro é muito mais que isso: a gente é gestor, a gente é líder. [...] Eu sempre digo: vocês não vão passar por todas as experiências até vocês se formarem.

Os docentes apresentaram alguns fatores dificultadores para o trabalho de desenvolvimento de competências holísticas na formação do discente entre eles destaca-se o perfil do aluno que vem de uma jornada de trabalho excessivo para custear seus estudos, uma prática de vivências profissionais com exemplos negativos Rocha e Correia, 2006, lembra que essa é uma geração que são “filhos” da televisão, da liberação de costumes, da permissividade das mães que abdicaram das tarefas domésticas e não encontraram quem as substituísse e de pais assustados com o avanço do feminismo. Ao professor acaba a tarefa de mostrar a essas pessoas que precisam redescobrir a simplicidade das coisas essenciais, como o valor da família, da solidariedade, da lealdade, a finitude da vida e a sua celeridade, o destino de transcendência da humanidade, o compromisso do contínuo aperfeiçoamento na breve aventura terrestre. Para recuperar o prestígio nobre de sua profissão basta aceitar que sua missão envolve mais do que possibilitar o conhecimento técnico. Para isso, é necessário que o professor tenha características ligadas ao domínio afetivo, amando o ofício de ensinar. Ruivo, *et. Al.*, 2008, em um estudo com 3.252 professores do ensino básico de Portugal encontraram em sua pesquisa “Ser Professor Satisfação Profissional e Papel das Organizações de Docentes (Um Estudo Nacional)” um cenário similar ao da presente pesquisa quando observando a pontuação obtida no item da subescala Interesse dos Alunos, constata-se que a maioria dos professores não está satisfeita no que respeita ao interesse manifestado pelos alunos. Destaque-se que 81,1% dos inquiridos considera que os alunos manifestam reduzido interesse nas questões de aprendizagem escolar.

João de Barro (1º encontro): [...] outra dificuldade que a gente vê é o aluno que trabalha, e o aluno que trabalha ele já tem certa dureza no atendimento, então quando a gente começa a falar ele... Essa papagaiada toda...

Canarinho (2º encontro): Eles têm tudo disponível, na minha época e talvez na época de algumas de vocês a gente não tinha isso. Eu não tinha nem computador a gente xerocava né? Os artigos a gente comprava, tinha que comprar... Porque eles, muitos: O que é isso?!

Canarinho (3º encontro): [...] a resistência dos alunos em relação ao tipo de aula, eles tem... A gente nunca está agradando, logicamente, nunca se vai agradar a todos, mas existe muita resistência, porque se tu trazes vídeos, se tu traz alguma coisa diferente é porque tu tá querendo matar aula, ou se tu dá muita matéria, é porque a professora só fala, só dá aula, então os alunos hoje em dia eles querem aquilo que a Pardal falou: eles querem tudo muito pronto! Só que a gente nunca consegue entender, não consegue chegar a um denominador comum, tá agora eu... Acho que pelo número de aluno, acha que uma coisa está interligada na outra... A gente não consegue atingir totalmente os objetivos.

Arara (3º encontro): [...] e o nosso tempo né? Que a gente enquanto professor eu acredito que a gente quer realmente mostrar tudo o que a gente conhece tudo o que a gente viu a gente quer mostrar para o aluno, na nossa prática, também, mas... Quanto tempo tu demorou a ti ter esse conhecimento? Deixa-os demorarem o tempo que precise. Porque às vezes a gente quer... Ai, vou pegar, vou dar tudo, todas as complicações... Não! Deixe-os irem atrás do tempo deles!

Alguns docentes dividiram suas experiências com as metodologias ativas em sala de aula e como algo que é muito difícil de reproduzir com o número e com o perfil dos discentes, mas segue tentando em uma tentativa diária de acertar. Assim, caminha entre acertos e erros sempre adiante, tecendo uma relação de confiança entre mestre e aluno, pois ao mestre também é permitido errar e aprender, isso o torna humano e a cada situação, verificar o que os alunos estão precisando, quais são os valores que ainda carecem conhecer e exercitar. Então, juntamente com o saber científico, o docente mostra de forma natural para os alunos o saber moral e ético que lhes possibilitará tornarem-se profissionais respeitados e de conduta impecável (ROCHA; CORREIA, 2006). Nos docentes que participaram da presente pesquisa observou-se uma constante busca por aperfeiçoamento de suas aulas, uma permanente autocrítica sobre seus métodos que pareceu lhes trazer sofrimento e angustias, mas que faz parte de seu desenvolvimento constante como mestres.

João de Barro (2º encontro): É que cada vez mais está difícil de atingir. Então: faz metodologias ativas, faz o B, A, BA, faz agora, entra de cabeça para baixo na sala, agora dá um berro, agora joga um chinelo, agora faz não sei o que... E traz bala... [...] quando eu fiz um quiz e pensei assim: vou pegar o meu crachá e vou me enforçar, porque tudo o que eu fiz, que eu Ah! Ah! Deu tudo errado!

Periquito (2º encontro): não! Isso não tem então isso eu já abortei. Teve alguns semestres que era legal que eu usava consulta aqui para fazer de pediatria, cada um, não cada um, mas o grupo trazia uma criança, do seu meio ali para a gente fazer uma consulta, eles examinavam ali... E foi legal né? Mas com 59 não tem! [...] Tem que ter uma atividade? Tem que ter! Mas daí tu já fica pensando: como que tu vai fazer?

Canarinho (2º encontro): [...] por isso que eu assim, particularmente, eu não sei qual a metodologia.

Curió (3º encontro): não, e nem sempre tu vai acertar também, às vezes tu prepara tudo e não dá certo!

João de Barro (2º encontro): [...] como tu desenvolve uma zona de conhecimento proximal com o discente? No semestre seguinte! Eu acho que quando a gente olha a nossa avaliação, daí a gente olha: isso deu certo, isso não! Não é assim?

Periquito (2º encontro): vou criando maneiras, porque semestre que vem já...

A instituição em estudo de acordo com os relatos dos docentes tem uma preocupação em trazer para seu quadro funcional professores de enfermagem com experiência na área assistencial a que se pretende lecionar, pois se acredita que para ensinar enfermagem é preciso mais do que conhecimento teórico, aqui já se observa que a própria instituição já contempla a visão holística quando busca profissionais que tenham experiências para agregar as metodologias de ensino. Também a instituição procura estar sempre proporcionando aos docentes educação continuada para que possam desenvolver suas habilidades para o trabalho.

Curió (3º encontro): [...] o critério deles na época era o que? Tinha que ter experiência de ESF e não era necessário mestrado, no meu processo seletivo tinham professores com mestrado que não tinham experiência, eu só tinha especialização, mais eu tinha experiência e eu entrei. [...] E aí eu noto que a experiência naquela época já era uma necessidade maior, claro que eu fui contratada, não deu um mês depois eles me disseram: "tu tens que começar teu mestrado!". Mas eu noto que o critério de seleção ele considera muito essa questão da experiência profissional.

Pardal (3º encontro): [...] e a Feevale ela... A gente percebe que ela preconiza assim bastante a experiência como essencial, porque faz com que a gente traga um olhar diferente, esse olhar holístico, essa questão das vivências, tu já ter além da bagagem científica, né? Faz com que a dinâmica da sala de aula seja diferente, principalmente na enfermagem, porque tu dar física, é física, química é química, matemática é matemática, enfermagem é diferente, tem que trazer isso.

João de Barro (2º encontro): [...] é um tiro no escuro, um semestre depois já [...] gente o que eu tenho visto atualmente e a Feevale tem proporcionado isso com muita intensidade é cada vez mais propostas pedagógicas para atingir o aluno. Eu fico me perguntando: por quê? Porque o professor ele não é bom, ele precisa fazer tanta coisa assim para atingir o aluno, ou o aluno está inatingível? Então eu vejo assim, cada semestre aqui nos proporcionam treinamentos de toda a natureza para que tu te aprimores nas questões pedagógicas.

Quando se trata de aprendizagem cabe ao docente a missão de auxiliar o discente atingi-la de maneira global contemplando o conhecimento científico e a ética no seu sentido integral, para tal, não existe receita de bolo, toda a criatividade é bem-vinda, mesmo quando implique algumas transgressões ou interpretações das regras do jogo, essa autocrítica constante vem para somar e contribuir para melhorias na aprendizagem. Afinal, as regras foram feitas por homens e serão mudadas por homens que rejeitem a inexorabilidade de tudo. O que se pode afirmar é que o exemplo de condutas éticas pelo docente, concebido em bases que valorizem o alcance de competências e habilidades de alta complexidade, muito poderá ser útil aos futuros egressos da universidade, por isso devem seguir sua constante busca por formar profissionais completos com visão holística para atuação na assistência de enfermagem (ROCHA; CORREIA, 2006).

LIMITAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA VISÃO HOLÍSTICA

De acordo com as autoras Lemos, *et. Al.*, 2010, para se abordar a visão holística e sua necessidade de estar presente na assistência de enfermagem é preciso considerar a realidade dos serviços de saúde no Brasil, aqui se aborda a falta de infraestrutura bem como a baixa remuneração dos profissionais de saúde como um fator contribuinte para a falta de uma assistência mais empática ao paciente, pois o profissional mal remunerado precisa muitas vezes ter jornada dupla de trabalho, bem como no próprio local de trabalho muitas vezes a sobrecarga de trabalho faz com que estejam cansados, fisicamente e emocionalmente, corroborando para uma assistência desumanizada. Isso infelizmente é muito comum de se observar na prática diária entre os profissionais da enfermagem, fatos que não podem e nem deve justificar para os pacientes a falta de uma visão holística para o atendimento ser mais humanizado, mas a triste realidade é perfeitamente compreensível para quem conhece e vivencia as dificuldades rotineiras encontradas pelos profissionais enfermeiros.

Podemos evidenciar com França, *et. Al.*, 2012, que corroboram com esses dados em um estudo sobre a humanização do atendimento a pacientes terminais, constatou que 90,5% dos entrevistados afirmaram que o número de profissionais influencia no cuidado ao paciente, pois trata-se de um trabalho desgastante e quando o dimensionamento de pessoal não está adequado à demanda de trabalho o profissional fica estressado e cansado, sem condições físicas e mentais de prestar um atendimento humanizado. Pois devemos lembrar sempre, que o enfermeiro também é um ser humano com suas especificidades e cabe à instituição de saúde ter uma visão holística sobre suas necessidades, realidade que independe do profissional que também é refém de um sistema falho.

A partir desses dados sobre o cenário onde o profissional enfermeiro irá atuar pode-se compreender alguns achados na pesquisa, onde se observou nos encontros realizados com os docentes que na prática esse contexto não é diferente dentro da universidade, onde grande parte dos alunos está fazendo jornada dupla, ou tripla de trabalho para poder custear sua formação e ainda, muitas vezes não está fazendo a graduação porque gosta e se identifica com o cuidado e sim como uma forma de melhorar sua situação financeira. Com tudo, o que o discente traz de sobrecarga de atividades cotidianas, percebeu-se na coleta de dados que o docente muitas vezes enxerga que o aluno não desenvolveu a visão holística para poder prestar um cuidado humanizado, todavia essa percepção fica vaga e sem ação corretiva, visto que o capitalismo encontra-se explícito na universidade privada, pois em nossa sociedade nenhuma atividade se dissocia da influência capitalista, como fica registrado nas coletas de dados conforme esse relato de uma docente apoiada pelos demais presentes nos encontros:

Pardal (1º encontro): [...] a gente não pode de forma alguma estando dentro da universidade, estando dentro do curso técnico, dizer para o aluno olha [...] tu não tens caráter... Tu não tens capacitação técnica científica, sai do curso, não dá! A gente consegue segurar esse aluno por um tempo dentro da universidade assim por um tempo, ele não vai bem em uma disciplina, vai repetir... [...] o que a gente pode fazer muitas vezes é: não ficou apto, não preencheu os critérios, não vai passar, mas daí ele se empenha num próximo ele passa, passa na berlinda, aí na teoria...

Fica claro nas falas dos docentes que o fato de estarem em uma universidade privada, como em qualquer empresa que presta um serviço e recebe por ele, existem certas particularidades, como o fato de o aluno estar pagando pela educação, ser o cliente que compra o serviço, uma evidência da influência do capitalismo dentro da universidade que se torna contrária à propostas pedagógicas, pois o docente está a serviço do aluno e o mesmo usa isso a seu favor para conseguir benefícios nem sempre em prol de uma aprendizagem compatível com os princípios de uma educação onde haja trocas entre aluno e professores. Observou-se uma distorção dos papéis entre aluno e professor, considerando que por questões culturais e mudanças na educação proveniente de casa o aluno vislumbra o professor como um mero colaborador de uma instituição educacional mantida financeiramente pelos pais ou financiamento próprio, fazendo alusão do professor como um operário industrial e do discente como o sócio empresarial. Nas falas dos docentes fica explícita a influência capitalista em seu trabalho:

Pardal (2º encontro): A escola é uma empresa, eles veem o aluno assim!

Pardal (2º encontro): [...] a gente está com o problema de trazer esse aluno, estamos passando por uma situação no mundo financeiramente péssima, onde tu tens que manter esse aluno de algum jeito na universidade, não só nossa, mas todas, aí tu tem que cativar ele, e tem toda essa questão cultural né? Toda essa questão no Brasil que está tão problemática e ainda tu tem toda essa questão financeira que faz com que o aluno na primeira dificuldade vaze. E tu tens que cativar esse aluno tanto para manter...

A essas declarações se deve a ruína da pregação de Freire, 1995, onde lembra que o educador não pode satisfazer a expectativa do educando se não satisfizer a sua própria expectativa de professor, de educador. A expectativa do educando seria, por exemplo, a de aprender, que corresponde a do educador de ensinar. No cenário do capitalismo o aluno está comprando um diploma e o docente tem a obrigação de entregá-lo, contudo, os esforços do professor seguem, pois não há como ser bom professor senão se envolver com o aprendizado do aluno, sem essa premissa não se consegue ajudar o aluno a aprender. A responsabilidade docente está no sentido de tornar efetiva a expectativa discente. Se ele não aprender tem alguma coisa errada, que pode estar nele, no processo de aprender e no processo de ensinar do educador. A essa missão de ensinar sob a luz do capitalismo que se manifestam alguns desafios aos docentes entrevistados na presente pesquisa.

Canarinho (2º encontro): E mesmo assim a gente ainda consegue com tudo isso ser muito interessante, como é difícil agradar o aluno, porque se tu dás muita coisa para ele fazer, eles reclamam que tem pra fazer, se o professor vem e expõe e dá aula ali e apresenta. O professor só dá aquilo ali, só expõe! É chato! Então assim oh! Tá difícil, hoje em dia eu acho que agradar e...

Pardal (2º encontro): Acho que o nível de exigência né? Deles.

Canarinho (2º encontro): [...] mas o que é o nível de exigência? A gente alcançar isso, entender pra mim também é um pouco difícil, porque se tu dás o trabalho é ruim, se tú não dá...

Curió (3º encontro): [...] mas pior que ele ser cruel em sala de aula é tu com as competências e habilidade que tu tem tu não ter um respaldo como profissional, porque tem essa coisa que anda junto, a gente tem, e por menor que se sinta em determinadas instituições eu acho que é a cobrança dos profissionais e isso em todo o lugar tem, mais cada vez vem piorando em função de uma lógica de mercado, uma lógica econômica e ela está aí pra todo mundo!

Canarinho (2º encontro): E hoje em dia a gente tem que cuidar tanto as formas de abordar esse aluno, as formas de querer saber, porque hoje em dia tudo é processo [...] Pensava: Meu Deus! Eu sou péssima, porque eu tô frustrada, não deu certo! Eu não sei o que está acontecendo, o que aconteceu!

Outra assombração para os professores evidenciada na coleta de dados é a avaliação que o discente faz do professor, de acordo com os autores, Ruivo, *et. Al.*, 2008, os alunos ao longo do processo de desenvolvimento e aprendizagem, constroem a capacidade de avaliar, de julgar a realidade escolar, as suas diversas estruturas e os professores e tem a oportunidade de usar esse recurso, uma ferramenta com o fim de que o mesmo receba um feedback e entenda os aspectos positivos e as deficiências de sua aula, de acordo com as falas dos professores nos encontros muitas vezes tem sentido duplo, houve concordância entre o grupo em diversos momentos de que o professor fica refém do aluno:

João de Barro (2º encontro): [...] porque tudo o que tu inventaram deu errado!

Periquito (2º encontro): [...] de avaliação eu corro né?! Porque o aluno no primeiro dia te beija e te abraça e aí no outro dia ela... Tu vais do céu ao inferno em segundos né? [...]

Canarinho (2º encontro): [...] uma coisa que eu acho assim que tem que ter tal... Sim é o respeito, mais uma coisa assim é a avaliação do professor, isso cria muitas vezes, assim... Como é que eu vou dizer? Tem professor que se preocupa muito com isso, entendeu? Então acaba facilitando muitas vezes as coisas porque pensa lá na avaliação. E os alunos chegam e te dizem: professora, não esquece que no fim do semestre tem avaliação!

Canarinho (2º encontro): [...] então tu avalia o aluno, mas tu também estás sendo avaliado, então isso tem um ponto positivo, mas tem um ponto muuuuuuito negativo! Mas muito negativo mesmos, eu...

Não houve relatos nas coletas de dados de como é que a instituição se posiciona frente às avaliações realizadas pelos alunos, mas fica nas entrelinhas que para o professor não está sendo de uma maneira acolhedora e produtiva.

Igualmente, encontrado nas coletas de dados foi a superlotação das salas de aulas, também se apresenta como limitação para prática de uma educação com fundamentos holísticos de acordo com os autores Laroca e Girargi, 2011, com as classes superlotadas há maior dificuldade nas interações pedagógicas entre docentes e discentes o que é importante para a formação holística. As conversas paralelas atrapalham os alunos, cansam o professor que tenta controlar o comportamento da classe e traz empecilhos concretos para o professor reconhecer e atuar sobre dificuldades específicas apresentadas por alunos no desenvolvimento das suas aprendizagens, assim. Essa realidade descrita na teoria se revela na prática dos docentes entrevistados:

Periquito (2º encontro): [...] eu estou com uma turma de 59 alunos, de saúde da criança sábado de tarde. Vai fazer o que?! Qual metodologia tu vai fazer com 59 alunos?

Sabiá (2º encontro): eu acho que a gente também tem que falar de uma dificuldade que a gente tem aqui dentro, pelos menos eu posso falar pela minha disciplina que é uma quantidade grande de conteúdo e um tempo reduzido para tú dar esse conteúdo [...].

Canarinho (2º encontro): [...] eu acho que não tem nem uma metodologia adequada, não tem receita de bolo, não tem nada que... A gente tem que ir meio que às cegas assim para poder... Quando acaba o semestre muitas vezes tu ainda está conhecendo o teu grupo e aí tu vai conhecer realmente no momento da tua avaliação realmente se deu certo aquilo, ou não como diz Joao de Barro, tú é cego alí, tu vais tatiando.

Canarinho (3º encontro): [...] eu acho que isso pode ser um dificultador no currículo do curso, e a gente tem realmente um grande número de alunos e isso acaba dificultando, isso para todos os alunos, tentar acolher de uma forma mais humanizada quem sabe [...] a gente tem que se reinventar a cada aula e mais ainda a cada semestre, porque existem as diversidades, a gente tem aquele aluno que recém saiu do ensino médio, e que ele está aqui, tem aqueles que já são técnicos há 20 anos e que estão aqui porque é uma maneira de ganhar um pouco mais, a gente tem aqueles que buscam sim crescer na profissão. E com tudo isso a gente não consegue alcançar todos eles, isso eu acho que é difícil, bem difícil!

Também encontramos na presente pesquisa um reflexo negativo da educação básica dentro da universidade, de acordo com, Ruivo, *et. al.*, 2008, ao professor, como sujeito reflexivo, é requerido um permanente viver em dúvida, um ajustamento contínuo que lhe permita lidar com a incerteza, com a mudança permanente, à procura da identidade e realização profissionais. Algumas das grandes dificuldades dos professores são evidenciadas pelo fato não conseguirem controlar um conjunto de fatores, que influenciam no seu trabalho, no defasamento entre as expectativas e as recompensas obtidas em contexto de trabalho. Observa-se a lamentação dos professores de falhas na educação básica das crianças que refletem em seus discentes universitários, de acordo com eles, princípios básicos que deveriam ser ensinados em casa estão extintos. E como trabalhar no aluno uma visão holística se ele não traz consigo princípios básicos de convívio social?

Pardal (2º encontro): regras de convivência, ética e moral. Pronto!

Sabiá (2º encontro): mas isso em uma escola particular é difícil de eles fazerem, porque o aluno manda, e o aluno vem muito mal educado, porque os pais acham que quem tem que educar não são eles, é a escola, e aí se tu chama a atenção de um aluno e isso os professores das escolas particulares vem dizer pra gente os pais vem e descascam, e soltam o verbo! E como o aluno é o cliente e eles não querem nessas alturas perder nenhum cliente, então nesse sentido as escolas são muito condescendentes com as coisas que acontecem. Então não é possível!

Sabiá (2º encontro): então eu acho que aí tem um dos vários problemas...

De acordo com Laroca e Girardi, 2011, no Brasil a meio caminho entre a profissionalização e a proletarização, o trabalho do professor perdeu, mais do que seu status social do passado, onde o professor era valorizado na sociedade, mas também corre o risco de perder o sentido pessoal para o professor concretizado na satisfação que sente ao ensinar e em ir para a escola todos os dias contribuir efetivamente para o aprendizado e desenvolvimentos dos seus alunos, pois revela-se cada dia mais desmotivado, desacreditado e desvalorizado. Essa realidade os professores sujeitos da pesquisa relataram nas coletas de dados, tem a impressão de que cada vez mais o aluno de escola privada no Brasil tem se posicionado de forma contrária para os interesses da educação e perdido o respeito ao professor. Revela-se um tanto quanto frustrante e desanimador a realidade encontrada em sala de aula quanto ao comportamento do aluno cada vez mais como ator principal no cenário capitalista em que a empresa universidade se encontra:

Curió (2º encontro): [...] o doutorado no Canadá, ela também disse isso: ela disse eu vim com outra visão e inclusive de repensar as minhas condutas quando eu era acadêmica, porque o perfil é muito diferente e não foi só ela que disse outras pessoas também disseram.

João de Barro (2º encontro): minha filha fez mestrado na Itália, e era a mesma coisa: a professora entrava e os alunos entravam junto e era tudo bom dia! Boa tarde! Não sei o que... E é tudo Senhor...

Canarinho (2º encontro): eu acho que a gente já foi assim há muitos anos atrás, porque na nossa época de colégio, eu me lembro assim, o professor era tudo. Os pais não brigavam com os professores porque o filho tirou... Entendeu? Eu levava lanche, levava uma maça para a profe, levava uma rosa, uma flor, Deus o livre entrar fora do horário, se eu chegasse atrasada eu tinha que esperar o segundo período para poder assistir a aula.

Periquito (2º encontro): [...] eu acho que a nossa educação em nível de ensino no Brasil está caindo e a tendência é piorar. E outra coisa, que eu não sei o que vocês acham, mas a questão do, da condição financeira: A importância que é um aluno dentro de uma instituição privada, ele sabe que ele é o membro mais importante dentro de uma instituição privada, para tanto ele tem uma lei lá que qualquer coisa ele faz.

Com todas essas angústias dos docentes encontradas nas coletas de dados podemos afirmar que os mesmos precisam de espaços para expor seus sentimentos, angústias, experiências e percepções. Apresentou uma grande alegria, uma maturidade para as discussões, uma construção de opiniões, uma troca de informações... Enfim, foram riquíssimos discursos que houveram durante os encontros que certamente proporcionaram aos participantes da pesquisa novas experiências para sua atuação profissional.

Paulo Freire, 1996, reforça a importância desses encontros quando afirma que pensar certo é fazer certo, é ter segurança na argumentação é saber discordar do seu oponente sem ser contra ele ou ela, sem qualquer tipo de discriminação. Lembra que ao educador, cabe desafiar o educando e produzir sua compreensão do que está sendo comunicado. Que para ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. A prática docente crítica envolve o movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O “pensar certo” tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. Houve manifestação de satisfação dos professores em terem um espaço para discussões e trocas de experiências que certamente contribuíram para sua prática profissional.

Periquito (3º encontro): [...] a gente precisa muito mais desses momentos de discussão, talvez tu tenha aberto aí a possibilidade de talvez a gente estiver tendo discussões para poder entender certas coisas e até para não se chicotear por que às vezes tu chegas em casa e tu queres te matar. Tó olha para aquele espelho e vê aquela pessoa que está lá do outro lado e tu não te enche mais como tó, porque aquilo que tu ouviste do colega, aquilo que tu ouviste do teu aluno, ou aquilo que teu aluno escreveu sobre a tua pessoa... Que não tem nada haver! Porque nem todo o dia tó está preparado para ouvir.

Pardal (3º encontro): [...] as incertezas do mundo, então hoje a gente tem umas dificuldades no mundo todo que estão influenciando dentro das universidades, em questão de redução de tempo, redução de custo, redução de tudo, onde faz com que... Compromete várias áreas, tem o acúmulo de várias questões que a gente queria fazer muito mais e a gente não consegue em função de que a gente está em função desses enchugamento de tempo, de custo e tudo mais. E em relação aos campos de prática que nem sempre são os que a gente quer, às vezes pega um grupo de prática que consegue fazer 1001 coisas, e às vezes pega uma faze da unidade assim em calma, então a gente não consegue fazer tudo o que gostaria de mostrar, aquele aluno não sai tão contente, mas eu sempre digo: tem o próximo campo de prática, né, tem a teoria... Mas são as incertezas e as questões do mundo...

As luzes dos achados na coleta de dados referentes às limitações para o desenvolvimento da visão holística no discente do curso de enfermagem podem afirmar que as dificuldades não se distinguem de qualquer outra habilidade que se queira desenvolver no aluno, pois está muito mais na formação básica do ser humano, nos princípios que ele traz consigo e na realidade de mercado do que no esforço do professor, mas que este não é nulo, e continua seu trabalho e esforços para formar pessoas capazes de fazerem a diferença no campo profissional, estão no caminho pedagógico de Freire quando diz que gosta de ser gente, pois, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nós achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sabe também que os obstáculos não se eternizam (FREIRE, 1996).

Por fim, parafraseando Freire (2006) reafirmamos que a transformação da educação não pode se antecipar à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação.

PROPOSTA DE SOLUÇÕES

Após análise dos dados deu-se origem a este capítulo denominado propostas de solução que tem o objetivo de oferecer ideias voltadas para pensar no assunto, sem a pretensão de parecer um projeto de uma solução, busca-se instigar a ideia da melhoria contínua de acordo com as adversidades do momento, pois se sabe que a cada dia surgem novos desafios na missão da educação. .

Citamos aqui como sugestão para melhorias a abertura por parte da Universidade e da coordenação do curso de mais espaços para discussão do corpo docente sobre seus sentimentos e dificuldades encontradas em sala de aula, pois se notou uma carência dos docentes em exporem seus sentimentos e angústias vivenciadas com os alunos, permitindo assim a troca de experiências e o fortalecimento dos vínculos entre os docentes que certamente reflete em sala de aula e campos de estágio, pois quando os docentes se comunicam melhor fortalece o ensino.

Outro ponto bastante marcante durante a coleta de dados foi a avaliação discente para o docente sugere-se aqui que a coordenação de enfermagem trabalhe junto aos alunos o real sentido de uma avaliação do seu professor e que o docente seja acolhido e receba um suporte psicológico e até da coordenação para poder elaborar os feedbacks quando negativos para que assim possa-se aprender e evoluir com as experiências negativas. Talvez seja de se pensar na proposta de o docente não ter acesso ao feedback negativo sozinho, e sim com um acompanhamento, ou ainda a coordenação do curso avaliar o feedback e juntar os negativos incomuns para mais docentes e trabalhar as causas das insatisfações dos discentes em equipe, para que assim, estabelecesse uma linguagem universal dentro do corpo docente.

Uma das grandes dificuldades dos docentes em sala de aula está em fazer com que o aluno se interesse pelo conteúdo que está sendo trabalhado, sabe-se que existe uma certa cultura de que todos devem cursar o ensino superior no País, quando na verdade se propor a ter um diploma de graduação vai muito além de um título que a sociedade impôs que deve ser conquistado, na realidade quando um aluno escolhe estar em sala de aula cursando o que ele sonhou para o seu futuro, seus desafios são encarados de maneira mais amena, com isso o docente consegue conduzir de maneira mais eficiente seu papel de educador, no entanto, na sociedade capitalista em que estamos não há como o professor, como já descrito anteriormente, impedir um discente de seguir no curso de enfermagem porque ele não demonstra afinidade com o curso. Com isso, sugere-se que a Universidade organize junto ao corpo docente uma espécie de conselho para avaliar cada aluno no início do curso para poder orientá-lo a seguir ou não no curso escolhido, obviamente deveria ter assessoria dos demais cursos para apoiar o aluno na escolha de um caminho a ser seguido, para que assim o mesmo possa estar aberto a contribuir com sua formação e não apenas em “comprar” o diploma.

Observou-se que os docentes estão muito preparados nos seus estudos de pensadores em educação, no entanto, os temas específicos que irão trabalhar em sala de aula na grande maioria das vezes eles buscam individualmente os conteúdos e assim tendo muito mais dificuldades, proponha-se como melhorias a esse sistema, que houvesse aulas para os docentes poderem trocar suas experiências e expertises em determinado tema com os demais, pois assim poderiam aprender mais facilmente o tema que irão trabalhar com os alunos, e com a troca de informações todos sairiam ganhando, especialmente o discente que receberia um conteúdo mais diversificado de conhecimentos somados. Também é importante para desempenho com maior habilidade dos conteúdos trabalhados em sala de aula que o professor leccione sobre a disciplina da qual ele possui maior habilidade técnica e experiência, para que assim sinta-se mais seguro no que está trabalhando e assim possa desempenhar com maior competência, assim, o discente sai muito mais preparado tecnicamente e conseqüentemente terá menor preocupação com a técnica e poderá empenhar-se em outras questões que envolvem o trabalho do futuro enfermeiro.

Para melhoria da compreensão dos docentes sobre o real significado da visão holística e até mesmo para discutir sobre sua associação com a humanização do cuidado, sugere-se que em reuniões periódicas do corpo docente seja aberto espaço para discutir o assunto.

É importante ressaltar que ninguém consegue motivar ninguém se não existir uma aceitação da pessoa para ser melhor, o que se pode fazer é motivar, então, acreditamos que uma forma de melhorar o atendimento de enfermagem no país vem da participação ativa da Universidade nas instituições de saúde, trata-se de uma ideia tímida e com potencial para exploração, mas que vem para sugerir que as Universidades ofereçam de alguma forma algum subsídio ao egresso quando este está lá na atuação profissional, vivenciando todas as dificuldades que se sabe que existem no campo da atuação profissional. Poderia haver uma forma de encontros periódicos para abordar as principais dificuldades encontradas pelos egressos quando partem para o campo profissional, de uma forma construtiva, poderia ter inclusive a participação de alguns docentes interessados, pois conhecendo cada vez mais as dificuldades encontradas podem-se desenvolver estratégias para a solução conjunta dos problemas encontrados.

Poderia ser também em forma de palestras, aulas, ofertadas aos profissionais nos campos de estágios da Universidade, ou ainda em forma de inscrição, ou algo parecido para que um profissional docente possa ir ao local onde o egresso está atuando para poder fazer uma aula, palestra, conversa, enfim, para apoiá-lo e incentivá-lo a seguir o que se aprendeu durante a formação. Seria uma forma de trazer a Universidade para a comunidade, pois o que se nota é que existe toda uma metodologia e empenho em formar um enfermeiro, mas este vai para o mercado de trabalho que apresenta muitas vezes condições precárias de trabalho e o mesmo acaba se adaptando ao sistema ao invés de investir esforços para melhorá-lo, sabe-se que existem muitas questões que envolvem a

saúde no País, mas sobretudo se sabe e já foi aqui discutido que são as pessoas que fazem o sistema, então não parece ser algo impossível de se fazer, uma vez que o papel da Universidade é formar pessoas.

Em especial, a missão da Universidade Feevale, onde desenvolvemos nosso estudo, é “Promover a produção do conhecimento, a formação integral das pessoas e a democratização do saber, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade”.

CONCLUSÕES E FUTURAS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

Este capítulo foi desenvolvido para descrever os dados encontrados durante a pesquisa e discutir os resultados obtidos.

A partir dos questionários aplicados, analisando o perfil dos professores objeto do estudo, identificou-se uma idade média de 41 anos, o que conseqüentemente já agrega ricas experiências pessoais e conhecimentos acumulados ao longo dos anos e que contribui para a posição de profissional cada vez mais eficaz para o processo de ensino e aprendizagem. Somada à idade madura dos docentes, também foi avaliado o tempo de experiência na área da assistência de enfermagem, que tem sido em média de 13 anos, um achado considerado muito importante para o desenvolvimento de estratégias de atuação na função de professor, pois se entende que as vivências do dia a dia no campo profissional agregam experiências que não podem, mesmo com toda a competência dos autores, ser transcritas para a literatura, pois sem prática não há crescimento pessoal e é até limita o crescimento profissional, com isso, pode-se afirmar que a experiência e a idade desenvolvem nos professores habilidades para lidar com as situações cotidianas com eficácia cada vez maior, conseqüentemente o professor que possui essa bagagem de experiência profissional terá mais condições de explorar as experiências para o benefício de sua metodologia de ensino e até mesmo de sua confiança para aceitar o desafio que é a difícil missão intrínseca à sua tarefa de ensinar.

Da mesma forma, foi avaliado o tempo que os participantes da pesquisa atuam como professores e a média entre os participantes foi de 5 anos, e o tempo de formação como enfermeiro foi em média 11 anos, tendo em vista que alguns atuaram como técnicos de enfermagem graduação. As experiências na área da saúde contribuem para a atuação do professor em sala de aula, é sabido que uma riqueza de conhecimentos e experiências estão vinculadas às experiências adquiridas para o processo de ensino e aprendizagem e enriquecem o profissional. Em diversos momentos da coleta de dados, os professores mencionaram que aprenderam com as próprias experiências, tendo sucesso ou não, com isso, elas são agregadas e desenvolvidas ao longo do tempo, portanto, conseqüentemente, quanto maior o tempo, mais conhecimento acumulado. Pode-se afirmar com convicção que a cada dia que passa estamos em constante aprendizado, e que quando falamos. Nos processos educativos, todos os envolvidos ganham quando o professor tem experiências anteriores sobre o tema a ser abordado. O aluno ganha riqueza de conteúdo, enquanto o professor ganha confiança para enfrentar a missão de conduzir o processo de ensino e aprendizagem.

Porém, o fato de serem os mesmos professores que lecionam diversas disciplinas diferentes também foi observado como um ponto polivalente, o que pode ser bom para o professor que se desenvolve em vários campos de atuação, porém, permanece a dúvida a respeito de como isso é realizado na prática quando o ideal seria que os alunos tivessem

aulas com os mais preparados para tal assunto, para que a técnica seja executada com excelência e possam se preocupar em ensinar o aluno ao invés de ensinar ao mesmo tempo que ele aprende. Acredita-se que este poderia ser um motivo significativo para as preocupações dos professores em relação aos alunos, que poderiam ser refletidas na sua avaliação docente. Parece, neste ponto de desenvolvimento, que a profissão docente tomou o caminho oposto ao mercado de trabalho, que procura cada vez mais profissionais que sabem mais sobre menos. Parece que o professor tem a necessidade de dominar todas as disciplinas para lecionar no curso de enfermagem, esta realidade vem acompanhada da necessidade da Universidade demonstrar mais suporte técnico ao professor para que ele possa realizar o mesmo com maior tranquilidade e eficácia.

Mesmo falando do perfil dos sujeitos da pesquisa, o tempo de atuação do professor na instituição em análise foi ainda analisado, pois se acredita ser um indicador importante, que impacta diretamente no nível de serviço prestado, além disso está relacionado a outro indicador importante, que é a taxa de evasão, que denota certa insatisfação por parte de algumas das partes envolvidas entre empregado e empregador, o que é entendido como desfavorável ao processo de ensino e aprendizagem, pois para o aluno não é benéfico que o professor não tenha pleno conhecimento do funcionamento, regras, valores e missão da instituição onde atua, uma vez que o professor apresenta a instituição diretamente ao aluno. Os achados da pesquisa revelam que entre os participantes o tempo médio de atuação na instituição em estudo tem sido em média de 5 anos, ou seja, convertemos para dias, pois a cada dia há novos aprendizados e com isso a oportunidade de fazer Melhor ainda, como docente, temos um vínculo empregatício médio de 1.825 dias, tempo que consideramos adequado para ser representante da instituição na área comportamental e perfil profissional.

Dado que o perfil do professor encontrado nesta pesquisa é considerado excelente de acordo com os conceitos pré-estabelecidos em estudos anteriores, uma vez que possuem bagagem de experiências produtivas de crescimento profissional na área da saúde e na própria prática docente, o que revelou uma grande aliado para o desenvolvimento de metodologias de ensino e que agrega à descrição de exemplos de comportamentos e evidências de atendimento uma visão holística que extrapola os limites da sala de aula ou dos campos de estágio, trazendo ao aluno exemplos reais de comportamentos a serem seguidos elucidando as questões da bibliografia que tornam as aulas mais atrativas, envolventes e eficazes para a aprendizagem.

Porém durante a coleta de dados constatou-se uma constatação preocupante que em relação à avaliação dos alunos para o professor revelou uma preocupação muito grande com o assunto com isso certamente não está atingindo o objetivo de ser um feedback para o professor e sim, um castigo, como parece ser visto por eles, observou-se que o professor sente que é uma espécie de ferramenta que o aluno tem utilizado para manipulá-los e até mesmo à instituição, quando coloca seus interesses pessoais acima de tudo. o

real objetivo da avaliação, o aluno, por falta de compreensão dos reais objetivos, ou por más intenções, deixa de utilizar um instrumento que seria direcionado para melhorias no processo de ensino e aprendizagem e acaba trazendo ódio ao professor quem já espera de forma negativa, tenho um preconceito estabelecido de que a recepção da sua avaliação não será favorável, perdendo assim o objetivo do feedback da avaliação para as duas partes envolvidas.

Outra constatação do presente estudo foi que o perfil do aluno no país se revelou algo muito preocupante para os professores durante a coleta de dados, pois cada vez mais parece que o aluno está comprando um diploma de graduação e não demonstra disposição para conquistar isso, pois parecem não querer realizar nenhum tipo de atividade em sala de aula, alegando cansaço dos afazeres diários e do trabalho, com isso, não estão dispostos a desenvolver nada muito diferente da rotina da metodologia expositiva que não os incita buscar conhecimento, pensar e desenvolver ou pensamento crítico, parecem em vários momentos na visão do professor, nunca estar satisfeito, e assim, dificultando o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que as oposições dos alunos tornam-se incessantes. Isso revela um grande desafio para o professor e um campo a ser investigado em estudos futuros, pois precisamos buscar compreender o que uma pessoa pensa quando ao mesmo tempo, deseja um diploma de formação no ensino superior e não parece estar disposta a atender às demandas intrínsecas nessa jornada rumo ao objetivo final, precisamos entender quando o aluno começou a ditar as regras de sua formação quando seus argumentos não vão para o crescimento da formação, mas sim para a facilitação da sua conquista. Pois bem, quem sabe identificar tais questões, poderemos desenvolver o ensino superior em nosso país.

Além disso, na coleta de dados foi esclarecida a associação e até mesmo a sinonimização dos termos humanização e holismo, não sendo as diferenças evidentes para os professores, porém, por outro lado, foi muito explícita a incorporação e uso em seus discursos. hoje uma rotina de trabalho de humanização para com alunos e pacientes, o que lhes permitiu uma naturalidade ou desenvolvimento para uma visão holística das situações vivenciadas e, assim, excelência como professores e enfermeiros. Os professores não demonstraram uma visão holística de humanização do cuidado, talvez por terem sido competências complementares e dispensáveis para a formação de um profissional que atuará na assistência assistencial. O tema visão holística revelou-se mais um tema em que, apesar dos esforços dos professores para desenvolver os alunos com bons exemplos e teorias, está intimamente associado às experiências de vida de cada indivíduo e tem um peso equivalente a qualquer outra competência exigida. para a formação do enfermeiro, portanto, cabe ao professor ter sua visão holística cada vez mais desenvolvida no esforço de contemplar todas as deficiências do aluno desde a sua formação básica.

Quanto às leis e documentos existentes que abordam a necessidade de formação e atuação profissional com visão holística, considerou-se, na coleta de dados

complementares e na formalização do que é feito instintivamente pelos professores, sujeitos cotidianos da presente investigação, uma vez que os profissionais foram encontrados que se comprometeram com o que estão fazendo para a formação daqueles que em algum momento poderão vir a prestar cuidados a eles ou mesmo a um de seus familiares, portanto, não é possível pensar em formação de pessoas sem mencionar que são cidadãos do mundo e para o mundo. Talvez devêssemos pensar a nível nacional em ter menos leis, mas mais bons exemplos de ação, porque se algo se torna significativo para uma pessoa, não são necessárias leis para que essas pessoas queiram seguir e difundir essas ideias.

O papel do professor no desenvolvimento de competências sobre a visão holística não foi explicitamente apresentado durante a coleta de dados. Tal questão pode estar relacionada ao fato de que diferentes dificuldades estão próximas da condução do processo de ensino e aprendizagem pelos professores. Contudo, reitera-se que esta é uma competência essencial para o desenvolvimento das demais de forma eficaz, pois se não houver visão de tudo, será muito difícil para o enfermeiro desempenhar plenamente o seu papel diante das demandas dos usuários e a rotina de trabalho dos profissionais. Portanto, é necessária atenção especial a essa questão para garantir que o profissional de enfermagem desenvolva plenamente suas competências profissionais.

A presente pesquisa revelou que os professores estão envolvidos em experiências de conflitos cotidianos dos quais estão sempre se reinventando para otimizar, entre outras questões, a formação de uma visão holística nos alunos. Embora demonstrem grande estima pela profissão docente e orientados a fazer a diferença na formação do ser humano, os participantes revelaram um processo de sofrimento no trabalho, cansaço e desmotivação cujos fatores são causados, especialmente, por alguns fatores externos como o capitalismo e os reflexos da educação básica no país.

Como esperado, desde que se formou na universidade em estudo, observou-se que os docentes do curso de graduação em enfermagem, sujeitos da pesquisa, são profissionais com muito comprometimento com a formação de enfermeiros com competências holísticas para o cuidado humanizado. Os professores são diretivos, influentes, atenciosos, ativos e extremamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Bom, você pode notar aí que a partir do momento em que houver uma visão holística no professor, haverá alunos que desenvolveram um cuidado de enfermagem mais humanizado, quando estiverem trabalhando com enfermagem. Não podemos imaginar como seria se os professores perdessem a sua motivação natural.

Infelizmente, na atuação profissional do enfermeiro no seu dia a dia de trabalho, muitos profissionais se encontram atuando de forma “robótica” em suas tarefas técnicas, em detrimento de uma assistência que oferece um cuidado atento e não necessariamente verbalizado, ou mesmo, o que está por trás das palavras de um ser humano que busca cuidado de outro ser humano. Ou percebe-se que questões de trabalho, salários, dimensões de pessoal, etc., fatores diversos que rendem muitos estudos e argumentos, estão sendo

utilizados pelos profissionais para “justificar”, e que a justificativa é com as próprias citações, enfim, não há explicação aceitável, pois conclui-se que por mais difícil que seja a rotina de trabalho do enfermeiro, de certa forma ele escolheu estar ali.

A Universidade, como vocês podem perceber, exige um trabalho para que conheça e entenda os benefícios de uma visão holística para o atendimento ao paciente, portanto, o paciente que procura o serviço de saúde apenas porque tem queixa de uma doença que o aflige, se ele não escolhe estar ali, cabe ao profissional de enfermagem acolhê-lo e oferecer o melhor cuidado, desde que tenha formação para isso.

Em relação à Universidade onde foram coletados os dados, pode-se dizer que, com base na coleta de dados, demonstra interesse em investir na formação continuada dos professores, porém, não parece, a não ser na visão dos professores, está acolhendo professores em suas angústias cotidianas em relação às dificuldades encontradas no desempenho da árdua função de ensinar em uma terra de capitalismo. Para ficar extremamente claro, presume-se que o aluno esteja no comando do sistema educacional privado e que isso exija excelência dos professores, que não parecem estar recebendo o apoio emocional necessário para desempenhar essa tarefa.

Todas as dificuldades encontradas pelos professores em trabalhar o desenvolvimento de competências como uma visão holística dos alunos não são, na maioria das vezes, diferentes de qualquer outro elemento necessário à formação do enfermeiro, mas, quando há o bem desenvolvido visão do todo, naturalmente se tem competência para resolver e atuar com excelência em qualquer área de atuação da enfermagem, por isso é tão importante desenvolver a capacidade de ver o que está sendo mostrado e entender mais do que está sendo mostrado. Fala-se, então, que o profissional de enfermagem deverá gerenciar pessoas, com seus conflitos, capacidades e dificuldades, ao mesmo tempo em que deverá representar uma instituição, ou até mais de uma, e cuidar do paciente, ainda considerando que ele também é um ser humano, com todas as suas particularidades.

Quanto às diretrizes curriculares do curso de enfermagem, os docentes sujeitos da pesquisa demonstraram que não as utilizam para fundamentar o perfil do profissional a ser formado e, sim, de forma intuitiva na sua visão de formação correta e incorreta, a partir de suas experiências pessoais e profissionais. É verdade que, cada vez mais, se pode afirmar que o modelo educativo que está muito arraigado, o mecanismo tem perdido espaço na formação do enfermeiro, pois se espera muito mais desse profissional do que apenas conhecimentos técnicos para, portanto, atender às novas demandas globais e ajudar a desenvolver o potencial dos alunos, aproveitando, sem dúvida, todo o aparato tecnológico disponível, as aulas e o ensino devem mudar.

Concluiu-se que para que o aluno desenvolva uma visão holística, o cuidado ao doente depende muito mais do que ele faz após suas experiências fora da universidade e dos exemplos dos professores aos quais o professor tenta ensinar. conteúdo, eternizando a pregação de Freire, de que a educação se faz pelo exemplo. Aqui pode-se afirmar que

um bom exemplo vale mais que muitas palavras e que toda experiência enriquece o conhecimento, portanto, é de muito bom senso que alguns professores com suas ações que mudam o mundo, e que existe um caminho para a solução dos problemas mundiais enfrentados hoje e certamente está na educação. A um olhar desatento pode parecer que se trata de um pensamento um tanto utópico, mas não se engane, então, o trabalho diário de cada professor e sua determinação em transmitir mais do que apenas ensinamentos, a necessidade que muitas vezes os alunos recebem quando crianças, para atender todas as suas necessidades, pode parecer meio maternal, mas nada mais é do que tudo o que já foi estudado e confirmado, que uma boa formação pode mudar uma pessoa, e consequentemente, pessoas dispostas a fazer a diferença no seu mundo, seja no trabalho, na vida social ou na família, faz a diferença na construção de um país melhor.

Quanto à humanização do cuidado de enfermagem, que apareceu no estudo de forma espontânea, depois de muita reflexão e leitura sobre o assunto, ficou esclarecida a estreita relação que ela tem com a visão holística, pois bem, o cuidado não pode ser prestado humanizado se não percebermos o indivíduo como um todo. Quando ele prima por um atendimento de excelência ao paciente que atenda às suas reais necessidades e não apenas ao que ele nos traz em sua fala. Na área da saúde é muito utilizado o termo vínculo, que vem para fortalecer as relações, seja entre professor e aluno ou entre profissional e paciente, o fato é que quando o vínculo é estabelecido, é plantada uma sementinha de ver o paciente como um todo. Propõe-se em estudos subsequentes a exploração mais detalhada desta relação encontrada entre a visão holística e a humanização do comparecimento. Vale lembrar também que o que é normal hoje não foi normal em outros tempos e a história tem mostrado que estamos nos diferenciando e isso é uma lição foucaultiana.

Sugere-se em estudos subsequentes investigar o que está acontecendo nas escolas primárias que tem reflexo negativo no perfil do aluno nas universidades e consequentemente na formação de profissionais menos comprometidos com a excelência do seu papel como agente de mudança social.

Ao analisar a percepção dos docentes de enfermagem, sujeitos desta pesquisa, sobre o cuidado holístico, pode-se afirmar que eles o entendem como base para o ensino das demais necessidades da formação do aluno. Ao mesmo tempo, reconhecem suas limitações em mediar a construção das competências dos alunos para atuação no campo de trabalho com visão holística, portanto, é consenso comum que se trata de uma estratégia que exige irrefutavelmente uma compensação do aluno, não podendo que na fala dos estudantes essa parte importante do processo fica prejudicada, então, cada vez mais estudantes chegam à Universidade em busca de respostas que parecem não encontrar. Talvez, numa hipótese a ser explorada, seja reflexo de uma sociedade que não valoriza mais a formação profissional em geral, diferentemente da década de 1950, por exemplo, onde o profissional graduado tinha prestígio na sociedade, ou seja, tinha seu patrimônio financeiro também. Mas, o que se observa no Brasil hoje é que você não precisa estudar

para ganhar dinheiro, pelo contrário, quanto mais você estuda, mais você paga impostos naquele país, e o aluno está no meio desse processo de transição, onde atender a uma cultura em que o estudo é incentivado desde a infância como forma de garantir um bom emprego, por outro lado, diante da realidade dos campos de trabalho, já na graduação, com mais força após a formação, onde tudo o que eram ensinados durante os anos de estudo não atendem às suas expectativas, muitas vezes se tornam profissionais frustrados que trabalham simplesmente por dinheiro, apesar de nunca parecer suficiente, e não porque gostem do que fazem.

Para a professora, foi revelado que é extremamente frustrante e marcante deparar-nos com licenciados universitários que vão passar pelas suas aulas praticando o que são considerados atos desumanos, que não contemplam uma visão holística, mas, por outro lado, os motivam a revisar constantemente seus métodos para reduzir cada vez mais as lacunas existentes entre a Universidade e a prática profissional.

Deve-se considerar também que a visão holística no profissional de enfermagem continua a se desenvolver, como todas as suas demais competências, ao longo de toda a sua vida profissional, e que pode ser aprimorada a partir de suas próprias experiências. Talvez, essa seja uma aposta ou talvez uma esperança que os professores tenham em relação a alguns alunos que, por forças superiores às suas competências como professores, são direcionados para o mercado de trabalho sem o pleno desenvolvimento necessário para servir com excelência outro ser humano.

Observe como uma estratégia inconsciente é um esforço por parte de dois professores para acomodar os alunos em suas necessidades particulares, o que contribui para uma espécie de aula prática sobre como cuidar do ser humano como um todo, com isso, aquela relação que se desenvolve naturalmente entre professor e alunos, é contribuir para a formação do ser humano que se deseja poder cuidar de outro ser humano. O que se deve considerar é que este é o curso de formação de enfermagem ideal, mas, infelizmente, existe uma parcela de estudantes que não se enquadra nesse perfil. Pois bem, existem dificuldades encontradas no dia a dia dos professores que vão desde as suas necessidades pessoais, às das aulas ou áreas de estágio ou na vida e experiências dos alunos, que se refletem diretamente no processo de ensino e aprendizagem, tanto positiva como negativamente.

Compreender os profissionais que se encontram no mercado de trabalho, muitas vezes sem qualquer visão holística, o que motivou esta pesquisa. O principal fato que precisa ser esclarecido é o que acontece após o término da graduação, o que significa que os mesmos alunos que aprenderam tudo o que é considerado correto, desde os protocolos e estudos, são praticados na maioria das vezes, de forma tão diferente depois de sair da Universidade. Assim, considera-se que há um mínimo de incoerência considerável que paira sobre o tema, seriam as condições de trabalho? Mas, neste caso, não deveria a Universidade prepará-los para isso? É provável que esta seja a grande dificuldade

que os professores encontram na mediação de questões de ensino e aprendizagem, justamente nesta falha entre a Universidade e a prática profissional. Essa questão poderá ser investigada e trabalhada em pesquisas futuras, a fim de alimentar debates sobre as deficiências dos profissionais de enfermagem e a compreensão de como melhorar a prática profissional com o auxílio da Universidade.

O fato é que de acordo com as diretrizes curriculares, o profissional de enfermagem deve estar preparado para atuar no Sistema Único de Saúde e ser agente de mudança social na comunidade onde vive. Porém, tanto os envolvidos, a sociedade quanto o Sistema Único de Saúde, não apresentam conclusões que a Universidade sozinha nunca conseguirá contemplar em um país em que os conflitos de interesses são publicações diárias de uma sociedade em fase de revisão de valores e prioridades, o que inegavelmente reflete na rotina do professor que muitas vezes ele carrega consigo uma responsabilidade de transformação social que nem sempre é apoiada, acolhida e preparada para tal.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, José Ricardo Pinto de. Contexto atual do ensino médico: Metodologia tradicional e ativa – Necessidades pedagógicas dos professores e da estrutura das escolas. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina. Programa de Pós-Graduação em ciências da Saúde: Cardiologia e Ciências Cardiovasculares, Porto Alegre, BR-RS, 2009.

ALMANDOZ, Maria Rosa; VITAR, Ana. Caminhos da inovação: as políticas e as escolas. In: VITAR, Ana; ZIBAS, Dagmar; FERRETTI, Celso; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. (Org.). Gestão de inovações no ensino médio: Argentina, Brasil, Espanha. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

BARBOUR, Rosaline. Grupos focais. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBOUR, Rosaline; tradução Marcelo Figueredo Duarte. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar / Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde - Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnhah01.pdf>

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretária Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Humaniza SUS - Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf

CARUSO, Marcelo, DUSSEL, Inés. De Sarmiento a los Simpsons: cinco conceptos para pensar la educación contemporánea. Buenos Aires: Kapelusz, 1996.

CASATE, Juliana Cristina, CORRÊA, Adriana Katia. A humanização do cuidado na formação dos profissionais de saúde nos cursos de graduação. **Rev. Esc. Enferm. USP** 2012; 46(1):219-26, 2011.

COSTA, Lauriana Medeiros; GERMANO, Raimunda Medeiros. Estágio curricular supervisionado na Graduação em Enfermagem: revisitando a história. **Rev. bras. enferm.** [Online]. 2007, vol.60, n.6, pp. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n6/15.pdf> Acesso em: 08/02/2015 às 19:45.

EDELSTEIN; CORIA, Gloria; CORIA, Adela. (1995): *Imágenes e Imaginación. Iniciación a la docencia*, Publicación Buenos Aires: Kapelusz, 1995. 109 p.

FARIAS, Francisca S. de A. B. Formação holística de enfermeiro: Realidade e desafios. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará. Faculdade de farmácia, odontologia e enfermagem. Pós-graduação em enfermagem. Fortaleza, 2005. 142 p.

FAUSTINO, Regina Lúcia Herculano; EGRY, Emiko Yoshikawa. A formação da enfermeira na perspectiva da educação reflexões e desafios para o futuro. **Rev. Esc. Enferm. USP**. 2002; 36(4): 332-7.

FERNANDES, Josicélia Dumê. *et. Al*. Estratégias para a implantação de uma nova proposta pedagógica na escola de enfermagem da Universidade Federal da Bahia. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília (DF) 2003 jul/ago;56(4):392-395.

FERNANDES, Josicélia Dumê et. al. Diretrizes curriculares e estratégias para implantação de uma nova proposta pedagógica. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 443-449, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342005000400011&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342005000400011>.

FRANÇA, Júlio Ricardo, et. Al., HUMANIZAÇÃO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE. Uma visão holística da equipe de enfermagem frente ao paciente em fase terminal em uma unidade de terapia intensiva. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**. 2012. Acesso em: 27 de agosto de 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26029237007>> ISSN 1415-6938

FREIRE, Paulo. Entrevista com Paulo Freire e Ana Maria Saul. Realizada em 2 de maio de 1995. Disponível em: www.pucsp.br/paulofreire/V%EDdeos/AnaFreir.pdf

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 165 p.

FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. Virtudes do Educador. São Paulo: Vereda –Centro de Estudos em Educação; 1989.

GABRIEL, Carmen Silvia, et. Al., QUALIDADE NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM HOSPITALAR: visão de alunos de graduação. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre (RS) 2010 set; 31(3):529-35.

GONÇALVES, José Alberto. Desenvolvimento profissional e carreira docente — Fases da carreira, currículo e supervisão. Sísifo. **Revista de Ciências da Educação**, 08, pp. 23-36 Consultado em [Abril, 2009] em <http://sisifo.fpce.ul.pt>

GOODSON, Ivor F.. La construcción social del currículum: posibilidades y ámbitos de investigación de la historia del currículum. En: Revista de educación: Madrid, 1991, n. 295; p. 7-37. RevistaDigital. ISBN/ISSN 0034-8082.

HORTA, Vanda de Aguiar. Processo de enfermagem / Wanda de Aguiar Horta, com a colaboração de Brigitta E. P. Castellanos. — São Paulo: EPU 1979.

ITO, Elaine Emi; PERES, Aida Maris; TAKAHASHI, Regina Toshie and LEITE, Maria Madalena Januário. **O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade**. *Rev. esc. enferm. USP* [online]. 2006, vol.40, n.4, pp.570-575. ISSN 0080-6234. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342006000400017>.

JAEHN, Lisete; FERREIRA, Marcia Serra: PERSPECTIVAS PARA UMA HISTÓRIA DO CURRÍCULO: as contribuições de Ivor Goodson e Thomas Popkewitz. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 3, p. 256-272, Set/Dez 2012.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. Tradução de: Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 1965 3.ª São Paulo: Editora cultrix LTDA.

LAROCCA, Priscila; GIRARDI, Paula Giulce. TRABALHO, SATISFAÇÃO E MOTIVAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, Pontifício Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2011.

LEMOS, Rejane Cussi Assunção, *et. Al.*, Visão dos enfermeiros sobre a assistência holística ao cliente hospitalizado. **Rev. Eletr. Enf.** 2010; 12(2):354-9. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n2/v12n2a20.htm>. doi: 10.5216/ree.v12i2.5544

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. **Revista Brasileira de Educação**. Universidade Católica de Goiás. Set /Out /Nov /Dez 2004 No 27

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico- social dos conteúdos. 2. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1990.

MEC. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 3, DE 7 DE NOVEMBRO DE 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf> Acesso em: 30/11/12.

MENEZES, Andréia Neves de Sant'Anna; *et. Al.* **História da enfermagem**: identidade, profissionalização e símbolos. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2010. 478 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2010. 407 p.

NETO, David Lopes; NOBREGA, Maria Miriam da. HOLISMO NOS MODELOS TEÓRICOS DE ENFERMAGEM. **R. Bras. Enferm.** Brasília. v. 52, n. 2, p. 233- 242, abr/jun, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v52n2/v52n2a10.pdf>

PIAGET, Jean, *et. Al.* **Logique et connaissance scientifique**. Paris, Gallimard, 1967. (Vol. Publ. Sob a direção de Jean Piaget). Versão em português: Lógica e conhecimento científico, porto, Livraria Civilização, 1980-1981.

PILETTI, Claudino. Didática geral. São Paulo: Ática, 1995.

POLIT, Denise F.; BECK, Cheryl Tatano; HUNGLER, Bernadette P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**: métodos, avaliação e utilização. 5. ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2004. 487 p.

RIOS, Terezinha Azeredo. Ética na docência universitária: a caminho de uma universidade pedagógica. **São Paulo: Universidade**, 2009.

ROCHA, Carla Beatriz; CORREIA, Genilce C. Souza. Ética na docência do ensino superior. **REVISTA EDUCARE ISEIB - MONTES CLAROS – MG**, V. 2, 2006. Disponível em: https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2234046/mod_resource/content/1/etica-carla-genilce.pdf Acesso em: 10/06/2017.

RUIVO, João, *et. Al.*, Ser Professor Satisfação Profissional e Papel das Organizações de Docentes (Um Estudo Nacional). Instituto Politécnico de Castelo Branco Associação Nacional de Professores. Serviços Editoriais e de Comunicação do IPCB. Lisboa, Maio, 2008. Disponível em: http://www.ensino.eu/media/5541/Ser_professor_satisfacao_profissional.pdf Acesso em: 09/06/2017.

SANTOS, GERALDA Fortina dos. **Formación del enfermero en la perspectiva de las competencias: una breve reflexión**. *Rev. bras. enferm.* [online]. 2004, vol.57, n.1, pp.66-70. ISSN 0034-7167. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672004000100014>.

SCHIMIDT, Elizabeth Silveira. Uma abordagem conceitual histórica. Publ. **UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Lin., Letras e artes**, Ponta Grossa, 11 (1): 59-69, jun. 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: Um Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias a introdução às teorias do currículo do currículo do currículo. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOBRINHO, Moises Domingos. HABITUS, CAMPO EDUCACIONAL E A CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Rev. Inter Legere: Educação e Sociedade ISSN 19821662, 2011. Pág. 184-205. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/09/pdf/09es11.pdf> Acesso em: 08/06/2017 às 13:00h.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação;** o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.

VÍCTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema.** 1. ed. Porto Alegre, RS: Tomo, 2000.

ELISIANE DE OLIVEIRA MACHADO

GLADIS LUISA BAPTISTA

FABIANO DA COSTA MICHIELIN

FABIO SILVA DA ROSA

SUIMARA SANTOS

MAICON DANIEL CHASSOT

DJULIA ANDRIELE WACHTER

JUCIANE A. FURLAN INCHAUSPE

MICHELLE DORNELLES SANTAREM

SIMONE THAIS VIZINI

RAQUEL ADJANE DE MAGALHÃES MACHADO

FERNANDA DOS REIS

Quais estratégias são utilizadas pelos docentes do curso de graduação da Faculdade de Enfermagem para formar uma **visão holística** da assistência aos discentes?



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Quais estratégias são utilizadas pelos docentes do curso de graduação da Faculdade de Enfermagem para formar uma **visão holística** da assistência aos discentes?

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br